

• ORGANIZADO POR TIM CHESTER •



O EVANGELHO

UMA MENSAGEM
QUE TRANSFORMA A VIDA

JOHN STOTT





O EVANGELHO

JOHN STOTT

• ORGANIZADO POR **TIM CHESTER** •



O EVANGELHO

UMA MENSAGEM QUE TRANSFORMA A VIDA

TRADUZIDO POR **DENIS TIMM**



Sumário

Capa

Folha de rosto

Prefácio

Uma nota ao leitor

Introdução da série “O Cristão Contemporâneo”

Introdução

1. O paradoxo humano

2. Liberdade autêntica

3. Cristo e sua cruz

4. A relevância da ressurreição

5. Jesus cristo é o senhor

Conclusão

Notas

Créditos

PREFÁCIO

SER “CONTEMPORÂNEO” é viver no presente e mover-se com os tempos sem se preocupar demais com o passado ou o futuro.

Ser um “cristão contemporâneo”, porém, é viver num presente que é enriquecido pelo nosso conhecimento do passado e pela nossa expectativa do futuro. Nossa fé cristã exige isso. Por quê? Porque o Deus em quem confiamos e que adoramos é “o Alfa e o Ômega... o que é, o que era e que há de vir, o Todo-poderoso”,¹ enquanto o Jesus Cristo que seguimos é “o mesmo, ontem, hoje e para sempre”.²

Assim, este livro e esta série falam de como os cristãos lidam com o tempo – como podemos unir o passado, o presente e o futuro em nosso pensar e viver. Temos diante de nós dois desafios principais. O primeiro é a tensão entre o “antes” (passado) e o “agora” (presente), e o segundo é a tensão entre o “agora” (presente) e o “ainda não” (futuro).

A introdução aborda o primeiro problema. É possível honrarmos verdadeiramente o passado e, ao mesmo tempo, vivermos no presente? Podemos preservar intacta a identidade histórica do cristianismo sem nos isolar daqueles que estão ao nosso redor? Podemos comunicar o evangelho de maneiras vibrantes e modernas, mas sem distorcê-lo ou até mesmo destruí-lo? Podemos ser autênticos e puros ao mesmo tempo, ou temos de escolher?

A conclusão aborda o segundo problema: a tensão entre o “agora” e o “ainda não”. Até onde podemos explorar e experimentar tudo o que Deus tem dito e feito por meio de Cristo sem nos desviar para o que ainda não foi revelado ou dado? Como podemos desenvolver um senso adequado de

humildade sobre um futuro que ainda vai se revelar sem nos tornarmos acomodados sobre onde estamos no presente?

Em meio a essas questões sobre as influências do passado e do futuro surge uma investigação sobre as nossas responsabilidades cristãs no presente.

Esta série trata de questões de doutrina e discipulado sob os cinco títulos: “O Evangelho” (o livro que você tem em mãos), “O Discípulo”, “A Bíblia”, “A Igreja” e “O Mundo”, embora eu não faça tentativa alguma de ser sistemático nem, muito menos, exaustivo.

Além da questão do tempo e das relações entre passado, presente e futuro, há um segundo tema que percorre esta série: a necessidade de falarmos menos e escutarmos mais.

Creio que somos chamados à difícil e até dolorosa tarefa da “dupla escuta”. Devemos escutar com atenção (embora, naturalmente, com diferentes graus de respeito) tanto a Palavra antiga como o mundo moderno, a fim de relacionar um ao outro com uma combinação de fidelidade e sensibilidade.

Cada livro desta série é uma tentativa de dupla escuta. É minha firme convicção que, se conseguirmos desenvolver a nossa capacidade de dupla escuta, evitaremos as armadilhas antagônicas da infidelidade e da irrelevância, e seremos verdadeiramente capazes de falar a Palavra de Deus ao mundo de Deus hoje de maneira eficaz.

ADAPTADO DO PREFÁCIO ORIGINAL ESCRITO POR JOHN STOTT EM 1991.

UMA NOTA AO LEITOR

O LIVRO ORIGINAL intitulado *O Cristão Contemporâneo*, no qual este volume e esta série estão baseados, pode não parecer “contemporâneo” para os leitores de hoje, mais de um quarto de século depois. Mas tanto a editora quanto os Executores Literários de John Stott estão convencidos de que as questões abordadas por John Stott neste livro são tão relevantes hoje como eram quando foram abordadas pela primeira vez.

A questão era como tornar esta obra seminal acessível para as novas gerações de leitores. Assim, procuramos fazer isso da seguinte maneira:

- A obra original foi dividida em uma série de volumes menores, levando em conta as cinco principais seções do original.
- Palavras que podem não comunicar ao leitor do século 21 foram atualizadas, ao mesmo tempo em que foi tomado grande cuidado para manter o processo de pensamento e o estilo do autor no original.
- Cada capítulo agora é seguido por perguntas feitas por um autor cristão atual e best-seller, a fim de ajudar a reflexão e a resposta.

Os amantes da obra original expressaram alegria pelo fato de este livro estar sendo disponibilizado de uma forma que amplia o seu alcance e influência em um novo século. Oramos para que você tenha a sua vida enriquecida por esta leitura, pois a vida de muitas pessoas já foi grandemente enriquecida pela edição original.

INTRODUÇÃO DA SÉRIE

O CRISTÃO CONTEMPORÂNEO O ANTES E O AGORA

A EXPRESSÃO “o cristão contemporâneo” atinge muitos como uma contradição em termos. Para muitos, o cristianismo não passa de uma relíquia antiga do passado remoto, irrelevante para as pessoas do mundo de hoje.

O meu propósito nesta série é mostrar que existe algo como “cristianismo contemporâneo” – não algo ultramoderno, mas um cristianismo original, histórico, ortodoxo e bíblico, sensivelmente relacionado com o mundo moderno.

CRISTIANISMO: TANTO HISTÓRICO COMO CONTEMPORÂNEO

Começamos reafirmando que o cristianismo é uma religião histórica. É claro que cada religião surgiu em um contexto histórico particular. O cristianismo, no entanto, faz uma reivindicação especialmente forte de ser histórico, porque repousa não só sobre uma *pessoa* histórica, Jesus de Nazaré, mas em certos *acontecimentos* históricos que o envolveram, especialmente o seu nascimento, morte e ressurreição. Há uma linha comum aqui com o judaísmo, a partir do qual o cristianismo surgiu. O Antigo

Testamento apresenta Deus não só como “o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó”, mas também como o Deus da aliança que ele fez com Abraão e, depois, renovou com Isaque e Jacó. Mais uma vez, ele não é apenas “o Deus de Moisés”, mas também é visto como o Redentor responsável pelo êxodo, que renovou a aliança mais uma vez no monte Sinai.

Os cristãos estão para sempre amarrados pelo coração e pela mente a estes acontecimentos históricos decisivos do passado. A Bíblia constantemente nos encoraja a olhar para eles com gratidão. De fato, Deus deliberadamente providenciou tudo para que o seu povo recordasse as suas ações salvadoras com regularidade. De modo emblemático, a Ceia do Senhor ou Eucaristia nos permite ter em mente a morte expiatória de Cristo, de modo regular, trazendo o passado para o presente.

Mas o problema é que os acontecimentos fundamentais do cristianismo ocorreram há muito tempo. Há alguns anos tive uma conversa com dois irmãos – estudantes que me disseram ter se afastado da fé professada pelos seus pais. Um deles agora era agnóstico, e o outro era ateu. Eu perguntei por quê. Será que eles não acreditavam mais na verdade do cristianismo? Não, o dilema deles não era se o cristianismo era *verdadeiro*, mas se era *relevante*. E como poderia ser? O cristianismo – eles continuaram – era uma religião primitiva da Palestina de muito tempo atrás. Então, o que tinha para oferecer a eles, que viviam no agitado mundo moderno?

Esta visão do cristianismo é generalizada. O mundo mudou dramaticamente desde os dias de Jesus e continua a mudar com uma velocidade cada vez mais desconcertante. As pessoas rejeitam o evangelho não necessariamente porque pensam que ele seja falso, mas porque já não diz nada para elas.

Em resposta a isso, precisamos ser claros sobre a convicção cristã básica de que Deus continua a falar por meio do que ele falou. A sua Palavra não é

um fóssil pré-histórico, mas uma mensagem viva para o mundo contemporâneo. Mesmo admitindo as particularidades históricas da Bíblia e as imensas complexidades do mundo moderno, ainda existe uma correspondência fundamental entre elas. A Palavra de Deus permanece uma lâmpada para os nossos pés e uma luz para o nosso caminho.¹

No entanto, nosso dilema permanece. Será que o cristianismo consegue, ao mesmo tempo, manter a sua identidade autêntica e demonstrar a sua relevância?

O desejo de apresentar Jesus de uma maneira que apele para a nossa própria geração é obviamente certo. Esta foi a preocupação do pastor alemão Dietrich Bonhoeffer enquanto estava na prisão durante a Segunda Guerra Mundial: “O que mais me preocupa”, escreveu ele, “é a questão: [...] ‘quem Cristo realmente é, hoje, para cada um de nós?’”.² É uma questão difícil. Ao responder a ela, a Igreja em todas as gerações tinha tendência a desenvolver imagens de Cristo que se desviam do retrato pintado pelos autores do Novo Testamento.

TENTATIVA DE MODERNIZAR JESUS

Aqui estão algumas das muitas tentativas da Igreja de apresentar um retrato contemporâneo de Cristo, algumas das quais têm sido mais bem-sucedidas do que outras quanto a permanecer fiel ao original.

Penso em primeiro lugar em *Jesus, o asceta*, que inspirou gerações de monges e eremitas. Ele era muito parecido com João Batista, pois também vestia roupas feitas de pelo de camelo, usava sandálias ou até andava descalço e comia gafanhotos com prazer evidente. Mas seria difícil conciliar

este retrato com a crítica dos seus contemporâneos de que ele era um festeiro que vivia “comendo e bebendo”.³

Também havia *Jesus, o pálido galileu*. O imperador apóstata Juliano tentou restabelecer os deuses pagãos de Roma depois que Constantino os substituiu pela adoração a Cristo, e relata-se que ele teria dito o seguinte em seu leito de morte, em 363 depois de Cristo: “Venceste, ó galileu”. Suas palavras foram popularizadas por um poeta do século 19, Swinburne:

Venceste, ó pálido galileu;

O mundo tornou-se cinzento do ar que respiras.

Esta imagem de Jesus foi perpetuada na arte medieval e vitrais, com um halo celeste e uma pele sem cor, olhos levantados para o céu e pés que não tocavam o chão.

Em contraste com as apresentações de Jesus como fraco, sofredor e derrotado, havia *Jesus, o Cristo cósmico*, muito amado pelos líderes da igreja bizantina. Eles o descreveram como o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o Criador e governante do universo. No entanto, exaltado acima de todas as coisas, glorificado e reinando, ele parecia distante do mundo real e até mesmo da sua própria humanidade, como foi revelado na encarnação e na cruz.

No extremo oposto do espectro teológico, os deístas do Iluminismo dos séculos 17 e 18, à própria imagem deles, construíram *Jesus, o mestre do senso comum*,⁴ inteiramente humano e nada divino. O exemplo mais dramático é a obra de Thomas Jefferson, presidente dos Estados Unidos de 1801 a 1809. Rejeitando o sobrenatural como algo incompatível com a razão, ele produziu a sua própria edição dos Evangelhos, em que todos os milagres e mistérios

foram sistematicamente eliminados. O que resta ali é um guia para um professor de moral meramente humana.

No século 20, fomos apresentados a uma ampla gama de opções. Duas das mais conhecidas devem sua popularidade a musicais. Há *Jesus, o palhaço de Godspell*, que passa o tempo cantando e dançando, e assim capta algo da alegria de Jesus, mas dificilmente leva a sério a sua missão. Um pouco semelhante é *Jesus Cristo Superstar*, a celebridade desiludida, que uma vez pensou que sabia quem era, mas no Getsêmani já não tinha tanta certeza.

O falecido presidente de Cuba Fidel Castro referiu-se frequentemente a Jesus como “um grande revolucionário”, e houve muitas tentativas de retratá-lo como *Jesus, o lutador da liberdade*, o guerrilheiro urbano, o Che Guevara do primeiro século, com barba negra e olhos brilhantes, cujo gesto mais característico foi derrubar as mesas dos cambistas e expulsá-los do templo com um chicote.

Esses diferentes retratos ilustram a tendência recorrente de atualizar Cristo de acordo com as modas atuais. Isso começou na era apostólica, com a necessidade de Paulo advertir sobre os falsos mestres que pregavam “um Jesus que não é aquele que [nós, os apóstolos] pregamos”.⁵ Cada geração que chega tende a ler para si as suas próprias ideias e esperanças, criando um Jesus à sua própria imagem.

A motivação deles até é certa (pintar um retrato contemporâneo de Jesus), mas o resultado é sempre distorcido (como o retrato não é autêntico). O desafio diante de nós é apresentar Jesus à nossa geração de maneiras ao mesmo tempo precisas e atraentes.

CHAMADO À DUPLA ESCUTA

A principal razão de cada traição ao Jesus autêntico é que prestamos muita atenção às tendências contemporâneas e muito pouca atenção à Palavra de Deus. A sede de relevância torna-se tão exigente que sentimos a necessidade de ceder a ela, custe o que custar. Tornamo-nos escravos da última moda, preparados para sacrificar a verdade no altar da modernidade. A busca da relevância degenera para um desejo de popularidade. No extremo oposto da irrelevância está a acomodação, uma rendição covarde e sem princípios ao *espírito do tempo*.

O povo de Deus vive em um mundo que pode ser ativamente hostil. Estamos constantemente expostos à pressão para nos conformarmos a este mundo.

Graças a Deus, no entanto, que sempre houve aqueles que ficaram firmes, às vezes sozinhos, e se recusaram a ceder. Penso em Jeremias, no sexto século antes de Cristo, Paulo, em sua época (“todos... me abandonaram”),⁶ Atanásio, no século quarto, e Lutero, no século 16.

Em nossos dias, também precisamos decidir apresentar o evangelho bíblico de tal forma a lidar com os dilemas modernos, medos e frustrações, mas com a igual determinação de não comprometê-lo ao fazermos isso. Algumas *pedras de tropeço* são intrínsecas ao evangelho original e não podem ser eliminadas ou empurradas suavemente para torná-lo mais fácil de aceitar. O evangelho contém algumas características tão estranhas ao pensamento moderno que sempre poderá parecer tolo, por mais que nos esforcemos para mostrar que ele é “verdadeiro e de bom senso”.⁷ A cruz será sempre um ataque à autojustiça humana e um desafio à autoindulgência humana. O seu “escândalo” (pedra de tropeço) simplesmente não pode ser removido. A Igreja fala mais autenticamente não quando se torna indistinta do mundo ao nosso redor, mas justamente quando a sua luz distintiva brilha mais.

Por mais que estejamos desejosos de comunicar a Palavra de Deus aos outros, devemos ser fiéis a essa Palavra e, se necessário, estar preparados para sofrer por ela. A palavra de Deus a Ezequiel nos encoraja: “Não tenha medo dessa gente [...] Você lhes falará as minhas palavras, quer ouçam, quer deixem de ouvir, pois são rebeldes”.⁸ Somos chamados para ser fiéis e relevantes, não meramente modernos.

Como, então, podemos desenvolver uma mente cristã que seja moldada pelas verdades do cristianismo histórico e bíblico e, ao mesmo tempo, totalmente imersa nas realidades do mundo contemporâneo? Temos de começar com uma dupla recusa. Nós nos recusamos a ficar tão absorvidos na Palavra, que *fugimos* para ela, que falhamos em deixar que ela confronte o mundo; e nos recusamos a ficar tão absorvidos no mundo, que nos *conformamos* a ele e deixamos de submetê-lo ao julgamento da Palavra.

Em lugar desta dupla recusa, somos chamados à dupla escuta. Precisamos escutar a Palavra de Deus com expectativa e humildade, prontos para Deus talvez nos confrontar com uma palavra que pode ser perturbadora e inesperada. E devemos também escutar o mundo ao nosso redor. As vozes que ouvimos podem assumir a forma de protesto agudo e estridente. Haverá também os gritos angustiados daqueles que estão sofrendo, e a dor, a dúvida, a raiva, a alienação e até mesmo o desespero daqueles que estão em desacordo com Deus. Escutamos a Palavra com humilde reverência, ansiosos para compreendê-la, e resolvemos crer e obedecer ao que passamos a entender. Escutamos o mundo com atenção crítica, ansiosos para compreendê-lo, e resolvemos não necessariamente acreditar e obedecer-lhe, mas simpatizar com ele e procurar graça para descobrir como o evangelho se relaciona com ele.

Todos acham difícil escutar. Mas será que os cristãos, às vezes, têm mais dificuldade para escutar do que os outros? Podemos aprender com os

chamados “consoladores” do livro de Jó, no Antigo Testamento. Eles começaram bem. Quando ouviram falar dos problemas de Jó, foram visitá-lo e, vendo quão grandes eram os seus sofrimentos, nada lhe disseram durante uma semana inteira. Se ao menos tivessem continuado como começaram e mantido a boca fechada! Em vez disso, eles propuseram a sua visão convencional – a visão de que o pecador sofre por causa dos seus próprios pecados – da maneira mais insensível. Eles realmente não escutaram o que Jó tinha a dizer. Eles se limitaram a repetir o seu próprio discurso impensado e sem coração, até que, no final, Deus entrou em cena e os repreendeu por terem deturpado a situação.

Precisamos cultivar essa “dupla escuta”, a capacidade de escutar duas vozes ao mesmo tempo – a voz de Deus por meio da Bíblia e as vozes de homens e mulheres ao nosso redor. Essas vozes muitas vezes se contradizem, mas o nosso propósito ao escutá-las é descobrir como elas se relacionam umas com as outras. A dupla escuta é algo indispensável para o discipulado cristão e para a missão cristã.

Somente por meio desta disciplina de dupla escuta é possível tornar-se um “cristão contemporâneo”. Nós juntamos o “histórico” e o “contemporâneo” enquanto aprendemos a aplicar a Palavra ao mundo, proclamando a boa-nova que é tanto verdadeira como nova.

Para resumir, vivemos no “agora” à luz do que já aconteceu “antes”.

INTRODUÇÃO

O EVANGELHO

O CRISTIANISMO não é uma religião, muito menos uma religião entre tantas outras. Ele é a boa notícia de Deus para o mundo. O evangelho cristão tem uma origem divina (vem de Deus) e uma relevância humana (fala para a nossa condição). Então, antes de fazermos a pergunta: “O que é o evangelho?”, devemos investigar a questão que logicamente a precede: “O que é um ser humano?”

O capítulo 1 (“O paradoxo humano”) é uma tentativa de fazer justiça ao que é ensinado pela Bíblia e endossado pela nossa própria experiência. Veremos a glória e a vergonha da nossa humanidade, a nossa dignidade como criaturas feitas à imagem de Deus e a nossa depravação como pecadores debaixo do seu juízo. O capítulo 2 apresenta o que é tradicionalmente chamado de “salvação” em termos de “Liberdade autêntica”.

Os capítulos 3 e 4 tratam dos temas centrais da morte e ressurreição de Jesus, que garantiram a nossa liberdade. Começo abordando as cinco principais objeções ao evangelho de Cristo crucificado e, em seguida, as tentativas de negar a sua ressurreição corporal. Então argumento que o significado da ressurreição de Jesus, como estabelecido no Novo Testamento, depende da crença tradicional de que ela envolveu a ressurreição e a transformação do seu corpo.

No capítulo 5, olhamos para as implicações mais amplas, tanto para a fé quanto para a vida, da afirmação aparentemente inocente de que Jesus

Cristo é o Senhor. Levar a sério o senhorio de Cristo leva ao discipulado radical.

CAPÍTULO 1

O PARADOXO HUMANO

O QUE SIGNIFICA SER HUMANO?

Esta questão aparece duas vezes no Antigo Testamento: em Salmos 8.3-4 e Jó 7.17. Nas duas ocasiões o escritor expressa surpresa, até mesmo incredulidade, pelo fato de Deus prestar tanta atenção aos seus seres humanos. Afinal, somos insignificantes quando comparados à vastidão do universo e impuros em contraste com o brilho das estrelas.

Há pelo menos três razões principais pelas quais esta questão é importante.

Pessoalmente falando, perguntar: “O que é a humanidade?” é outra maneira de perguntar: “Quem sou eu?”. Não há campo mais importante para investigação ou pesquisa do que a nossa própria identidade pessoal. Até que tenhamos encontrado a nós mesmos, não podemos alcançar a maturidade pessoal, nem descobrir completamente qualquer outra coisa. “Quem sou eu?” e “Eu tenho alguma significância?” são gritos universais.

Profissionalmente, seja qual for o nosso trabalho, estamos inevitavelmente envolvidos em servir as pessoas. Médicos e enfermeiros têm pacientes; professores, alunos; advogados e assistentes sociais, clientes; membros do governo, eleitores; e vendedores, compradores. Como tratamos os outros em nosso trabalho depende quase inteiramente de como os vemos.

Politicamente, a natureza dos seres humanos é central para qualquer teoria política. Será que os seres humanos têm um valor absoluto pelo qual devem ser respeitados? Ou o seu valor só é relativo para o Estado pelo qual podem ser explorados? Mais simplesmente: as instituições estão a serviço das pessoas ou são as pessoas que estão a serviço das instituições? Como escreveu John S. Whale: “Ideologias [...] são realmente antropologias”; elas são diferentes doutrinas da humanidade.¹ Respostas para a pergunta: “O que é a humanidade?” tendem a ser muito ingênuas no seu otimismo ou, então, muito negativas no seu pessimismo, em se tratando da condição humana.

Humanistas seculares geralmente são otimistas. Embora acreditem que o *Homo sapiens* nada mais é do que o resultado de um processo evolutivo aleatório, eles acreditam que os seres humanos continuam a evoluir, têm potencial ilimitado e um dia assumirão o controle do seu próprio desenvolvimento. Mas tais otimistas não levam suficientemente a sério as falhas morais da humanidade nem o nosso egocentrismo, que constantemente têm minado o progresso e levado à desilusão os reformadores sociais.

Os existencialistas, por outro lado, tendem a ser extremamente pessimistas. Uma vez que não há Deus, dizem eles, não há mais valores, ideais ou padrões. E, embora precisemos de alguma forma encontrar a coragem para ser, a nossa existência não tem sentido nem propósito. Tudo é, em última análise, absurdo. Mas tais pessimistas negligenciam o amor, a alegria, a beleza, a verdade, a esperança, o heroísmo e o sacrifício próprio que enriqueceram a história humana.

Do que precisamos, portanto, para citar J. S. Whale novamente, não é “nem o otimismo fácil do humanista, nem o pessimismo sombrio do cínico, mas o realismo radical da Bíblia”.²

NOSSA DIGNIDADE HUMANA

A Bíblia afirma o valor intrínseco dos seres humanos a partir do primeiro capítulo.

Então disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão”.

Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

Deus os abençoou e lhes disse: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra.”³

Por um longo tempo tem-se debatido sobre o significado da “imagem” ou “semelhança” divina nos seres humanos, e o que é isso que nos distingue dos outros animais. Keith Thomas coletou uma série de sugestões em seu livro *O Homem e o Mundo Natural*.⁴ Ele cita que o ser humano foi descrito por Aristóteles como um animal político, por Thomas Willis como um animal que ri, por Benjamin Franklin como uma animal que fabrica os seus utensílios, por Edmund Burke como um animal religioso, e pelo gourmet James Boswell como um animal que cozinha.⁵ Outros escritores se concentraram em alguma característica física do corpo humano. Platão falou muito da nossa postura ereta, de modo que os animais olham para baixo e apenas os seres humanos olham para o céu. Aristóteles acrescentou a peculiaridade de que apenas os seres humanos são incapazes de mexer as orelhas.⁶ Um médico do século 17 ficou muito impressionado com os nossos

intestinos, com as suas “várias circunvoluções sinuosas, meandros e voltas”, enquanto que no final do século 18 Uvedale Price chamou a atenção para o nosso nariz: “Creio que o homem é o único animal que possui uma saliência pronunciada no meio da face”.⁷

Estudiosos familiarizados com o antigo Egito e a Assíria, no entanto, enfatizam que, nessas culturas, o rei ou o imperador era considerado como a “imagem” de Deus, representando-o na terra, e que os reis tinham imagens de si mesmos erguidas em suas províncias para simbolizar a extensão da sua autoridade. Nesse contexto, o Deus Criador confiou uma espécie de responsabilidade real (ou pelo menos vice-real) a todos os seres humanos, indicando-os para “governar” sobre a terra e suas criaturas, e coroando-os de glória e honra para assim fazê-lo.⁸

No desenrolar da narrativa de Gênesis 1, fica claro que a imagem ou semelhança divina é o que distingue os seres humanos (o clímax da criação) dos animais (cuja criação é registrada anteriormente). Uma continuidade entre seres humanos e animais está implícita. Por exemplo, eles compartilham o “fôlego de vida”⁹ e a responsabilidade de se multiplicar.¹⁰ Mas há também uma descontinuidade radical entre eles, no fato de que apenas os seres humanos são mencionados como sendo “semelhantes a Deus”. Esta ênfase na distinção única entre seres humanos e animais continua aparecendo ao longo das Escrituras. O argumento assume duas formas. Devemos ter vergonha quando os seres humanos se comportam como animais, descendo ao seu nível, e também quando os animais se comportam como seres humanos, fazendo algo melhor por instinto do que nós fazemos por escolha. Como um exemplo do primeiro caso, uma pessoa não deve agir como alguém “insensato e ignorante” e se comportar como “um animal irracional”, ou “como o cavalo ou o burro, que não têm entendimento”.¹¹ Como exemplo do segundo caso, somos repreendidos ao

notar que bois e jumentos são melhores em reconhecer o seu senhor do que nós,¹² que as aves migratórias são melhores em voltar para casa depois de ir embora¹³ e que as formigas são mais laboriosas e fazem melhor provisão para o futuro.¹⁴

Voltando aos primeiros capítulos do Gênesis, toda a tratativa de Deus com Adão e Eva pressupõe a singularidade deles entre as criaturas. A forma como Deus se dirige a eles pressupõe que eles podem entender. Ele lhes diz quais frutas podem ou não podem comer, tendo por certa a capacidade de discernir entre uma permissão e uma proibição e, então, escolher entre elas. Deus plantou o jardim e depois colocou Adão ali para trabalhar e cuidar dele,¹⁵ iniciando assim uma parceria consciente e responsável entre eles no cultivo do solo. Deus os criou homem e mulher, declarou que a solidão não era boa, instituiu o casamento para o cumprimento do amor entre eles e abençoou aquela união. Deus também “andava pelo jardim quando soprava a brisa do dia”, desejando a companhia deles, que se perdeu quando eles se esconderam.¹⁶ Não causa surpresa, portanto, que estes cinco privilégios (compreensão, escolha moral, criatividade, amor e comunhão com Deus) são todos regularmente mencionados nas Escrituras e continuam a ser reconhecidos no mundo contemporâneo como sendo a distinção singular da nossa “humanidade”.

Para começar, há *a nossa racionalidade autoconsciente*. Não significa apenas que nós, como seres humanos, somos capazes de pensar e raciocinar. Hoje se fala muito de inteligência artificial. E é verdade que os computadores podem processar grandes quantidades de dados muito mais rapidamente do que nós. Eles têm uma forma de memória (podem armazenar informações) e uma forma de fala (podem comunicar suas descobertas). Mas ainda há uma coisa (graças a Deus!) que não podem fazer. Eles não podem dar origem a novos pensamentos: só podem “pensar” a

partir daquilo com que são alimentados. Os seres humanos, no entanto, são pensadores originais. Mais do que isso. Podemos fazer o que nós (autor e leitor) estamos fazendo neste exato momento: podemos ficar fora de nós mesmos, olhar para nós e nos avaliar, perguntando-nos quem e o que somos. Somos autoconscientes e podemos ser autocríticos. Também somos inquietos e curiosos sobre o universo. É verdade, como um cientista disse a outro: “Astronomicamente falando, o homem é infinitesimalmente pequeno.” “Isso mesmo”, respondeu o seu colega, “mas depois, astronomicamente falando, o homem é o astrônomo.”

Em seguida, há *a nossa capacidade de fazer escolhas morais*. Os seres humanos são seres morais. É verdade que a nossa consciência reflete a nossa educação e cultura e, portanto, é falível. No entanto, permanece em guarda dentro de nós, como uma sentinela, alertando-nos de que há uma diferença entre o certo e o errado. É também mais do que uma voz interior. Representa uma ordem moral fora e acima de nós, à qual sentimos uma obrigação. Temos uma forte necessidade de fazer o que percebemos ser certo e sentimentos de culpa quando fazemos o que acreditamos ser errado. Todo o nosso vocabulário moral (ordens e proibições, valores e escolhas, obrigações, consciência, liberdade e vontade, certo e errado, culpa e vergonha) não faz sentido para os animais. É verdade que até podemos treinar o nosso cão para saber o que é permitido e o que é proibido. E, quando ele desobedece e se encolhe, agindo por reflexo, podemos descrever o animal como parecendo “culpado”. Mas ele não tem sentimento de culpa; apenas sabe que vai ser punido.

Em terceiro lugar, existem *os nossos poderes de criatividade artística*. Deus nos chama a uma administração responsável do ambiente natural e a uma parceria com ele mesmo para subjugar e desenvolver esse ambiente visando ao bem comum, mas ele nos deu também habilidades inovadoras por meio

da ciência e da arte para fazê-lo. Somos “criaturas criativas”. Isto é, como criaturas, somos dependentes do nosso Criador. Mas, tendo sido criados à semelhança do nosso Criador, recebemos dele o desejo e a capacidade de também sermos criadores. Então desenhamos e pintamos, construímos e esculpimos, sonhamos e dançamos, escrevemos poesia e fazemos música. Somos capazes de apreciar o que é belo aos olhos, ao ouvido e ao toque.

Em seguida, há *a nossa capacidade de relacionamentos de amor*. Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem [...] Criou Deus o homem à sua imagem [...] homem e mulher os criou”. Embora devamos ter o cuidado de não deduzir deste texto mais do que ele realmente diz, é certamente legítimo dizer que a pluralidade dentro do Criador (“Façamos o homem”) foi expressa na pluralidade de suas criaturas (“homem e mulher os criou”). Isso ficou ainda mais claro quando Jesus orou por seu próprio povo “para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti”.¹⁷ E esta unidade de amor é única para os seres humanos. Claro, todos os animais acasalam, muitos formam pares fortes, a maioria cuida de seus filhotes e alguns vivem em bandos. Mas o amor que une os seres humanos é mais do que um instinto, é mais do que um distúrbio nas glândulas endócrinas. Esse amor tem inspirado a arte mais criativa, o heroísmo mais nobre, a mais alta devoção. O próprio Deus é amor, e as nossas experiências de amor são um reflexo essencial da nossa semelhança com ele.

Em quinto lugar, há *a nossa sede insaciável por Deus*. Todos os seres humanos estão conscientes de uma realidade pessoal suprema, a quem buscamos e em relação a quem somente sabemos que encontraremos nossa realização humana. Mesmo quando estamos fugindo de Deus, instintivamente sabemos que não temos outro lugar de descanso, nenhum outro lar. Sem ele estamos perdidos, como mendigos e abandonados. Nossa maior reivindicação à nobreza é a nossa capacidade criada de conhecer a

Deus, de estar em um relacionamento pessoal com ele, de amá-lo e de adorá-lo. De fato, somos verdadeiramente humanos quando estamos de joelhos perante o nosso Criador.

É nessas coisas, então, que está a nossa humanidade distintiva, em nossas capacidades dadas por Deus de pensar, escolher, criar, amar e adorar. “No animal”, em contraste com essa ideia, como escreveu Emil Brunner, “não vemos nem o menor começo de uma tendência a buscar a verdade por causa da verdade, a moldar a beleza por causa da beleza, a promover a justiça por causa da justiça, a reverenciar o Santo por causa de sua santidade [...] O animal nada sabe ‘acima’ de sua esfera imediata de existência, nada pelo qual mede ou testa sua existência [...] A diferença entre homem e animal equivale a toda uma dimensão da existência”.¹⁸

Não é de admirar que Shakespeare tenha feito Hamlet irromper em seu elogio fúnebre: “Que obra de arte é um Homem! Quão nobre na razão! Quão infinito na faculdade! Em ação, quão parecido a um anjo! Em apreensão, quão parecido a um deus! A beleza do mundo! O modelo dos animais!”.¹⁹

Quem me dera poder parar aí e vivermos o resto da nossa vida a brilhar com uma autoestima pura! Mas, infelizmente, há outro lado mais sombrio da nossa humanidade, do qual todos estamos bem conscientes e para o qual o próprio Jesus chamou a nossa atenção.

NOSSA DEPRAVAÇÃO HUMANA

Jesus disse certa vez:

Ouçam-me todos e entendam isto: há nada fora do homem que, nele entrando, possa torná-lo impuro. Ao contrário, o que sai do homem é que o torna impuro [...] Pois do interior do coração dos homens vêm os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez. Todos esses males vêm de dentro e tornam o homem impuro.²⁰

Jesus não ensinou a bondade fundamental da natureza humana. Ele, sem dúvida, acreditava na verdade do Antigo Testamento de que os seres humanos, homem e mulher, foram feitos à imagem de Deus, mas ele acreditava também que esta imagem tinha sido manchada. Ele ensinou o valor do ser humano, e fez isso dedicando a sua vida a servir a humanidade, mas também ensinou a nossa indignidade. Ele não negou que podemos dar “boas coisas” aos outros, mas também acrescentou que, ao fazer o bem, não escapamos da designação de “maus”.²¹ E, nestes versículos, ele fez afirmações importantes sobre a extensão, a natureza, a origem e o efeito do mal nos seres humanos.

Primeiro, ele ensinou *a extensão universal da maldade humana*. Ele não estava retratando o segmento criminoso da sociedade nem algum indivíduo ou grupo particularmente degradado. Pelo contrário, ele conversava com fariseus refinados, justos e religiosos. Na verdade, muitas vezes as pessoas mais íntegras são as que estão mais conscientes da sua própria degradação. Tomemos, por exemplo, Dag Hammarskjöld, secretário-geral das Nações Unidas de 1953 a 1961, um funcionário público profundamente comprometido que foi descrito por W. H. Auden como “um homem grandioso, bom e amável”. No entanto, sua visão de si mesmo era muito diferente. Em sua coleção de peças autobiográficas intituladas *Marcas*, ele

escreveu sobre “essa contraposição sombria do mal em nossa natureza”, de modo que até mesmo fazemos do nosso serviço aos outros “o fundamento para a nossa própria autoestima de preservação de vida”.²²

Segundo, Jesus ensinou *a natureza egocêntrica da maldade humana*. Em Marcos 7 ele listou treze exemplos. O que é comum a todos eles é que cada um é uma declaração do eu contra o próximo (assassinato, adultério, roubo, falso testemunho e cobiça – violações da segunda metade dos Dez Mandamentos – estão todos incluídos) ou contra Deus (“arrogância e insensatez”, que o Antigo Testamento define como negações da soberania de Deus e até mesmo de sua existência). Jesus resumiu os Dez Mandamentos em termos de amor a Deus e ao próximo, e cada pecado é uma forma de revolta egoísta contra a autoridade de Deus ou o bem-estar do nosso próximo.

Terceiro, Jesus ensinou *a origem interna da maldade humana*. Sua fonte não é encontrada em um ambiente ruim ou uma educação falha (embora ambos possam ter uma forte influência condicionadora em jovens impressionáveis). Em vez disso, sua fonte deve ser rastreada até o nosso “coração”, a nossa natureza herdada e distorcida. Pode-se quase dizer que Jesus nos apresentou ao freudismo antes mesmo de Freud. Pelo menos o que ele chamou de “coração” equivale aproximadamente ao que Freud chamou de “inconsciente”. Assemelha-se a um poço muito profundo. O grosso depósito de lama no fundo é geralmente invisível e até mesmo insuspeito. Mas quando as águas do poço são agitadas pelos ventos da emoção violenta, a sujeira mais maléfica e malcheirosa borbulha das profundezas e rompe a superfície – raiva, ódio, luxúria, crueldade, ciúme e vingança. Em nossos momentos mais sensíveis ficamos estarecidos com nosso potencial para o mal. Remédios superficiais simplesmente não servem.

Quarto, Jesus falou do *efeito contaminante da maldade humana*. “Todos esses males vêm de dentro”, disse ele, “e tornam uma pessoa impura”.²³ Os fariseus consideravam que a contaminação era em grande parte externa e cerimonial. Preocupavam-se com alimentos limpos, mãos limpas e copos limpos. Mas Jesus insistiu que a contaminação é interna e moral. O que nos torna impuros aos olhos de Deus não é o alimento que entra em nós (no nosso estômago), mas o mal que sai de nós (do nosso coração).

Todos aqueles que tiveram um vislumbre momentâneo da santidade de Deus foram incapazes de suportar a visão, de tão chocados que ficaram com a sua própria impureza contrastante. Moisés escondeu o rosto, com medo de olhar para Deus. Isaías clamou em horror por sua própria impureza e perdição. Ezequiel ficou deslumbrado, quase cego, pela visão da glória de Deus, e caiu com o rosto no chão.²⁴ Quanto a nós, mesmo que nunca tenhamos vislumbrado o esplendor do Deus todo-poderoso como esses homens, sabemos que não somos capazes de entrar na sua presença no tempo ou na eternidade.

Ao dizer isto, não nos esquecemos da nossa dignidade humana. Contudo, devemos fazer justiça à própria avaliação de Jesus sobre o mal na nossa condição humana:

- É universal (está em cada ser humano sem exceção).
- É egocêntrico (é uma revolta contra Deus e o próximo).
- É interior (emana do nosso coração, nossa natureza decaída).
- É contaminante (torna-nos impuros e, portanto, impróprios para Deus).

Nós, que fomos feitos por Deus à semelhança de Deus, somos desqualificados para viver com Deus.

O PARADOXO RESULTANTE

Eis, pois, o paradoxo da nossa humanidade: a nossa dignidade e a nossa depravação. Somos capazes tanto da mais alta nobreza como da mais vil crueldade. Em um momento podemos nos comportar como Deus, a cuja imagem fomos feitos, e no outro nos comportamos como os animais, de quem fomos feitos para ser completamente distintos. Os seres humanos são os inventores de hospitais para o cuidado dos doentes, universidades para a aquisição de conhecimento, governos para liderar o povo com justiça e igrejas para a adoração a Deus. Mas eles são também os inventores de câmaras de tortura, campos de concentração e arsenais nucleares. Um paradoxo estranho e desconcertante! Nobre e ignóbil, racional e irracional, moral e imoral, semelhante a Deus e bestial! Como C. S. Lewis disse por meio de Aslan, “Descende de Adão e Eva. É honra suficientemente grande para que o mendigo mais miserável possa andar de cabeça erguida, e também vergonha suficientemente grande para fazer vergar os ombros do maior imperador da Terra.”²⁵

Não conheço descrição mais eloquente do paradoxo humano do que a que foi dada por Richard Holloway:

Eu sou pó e cinzas, frágil e rebelde [...] repleto de medos, cercado de necessidades... a quintessência do pó, e ao pó voltarei [...] Mas há algo mais em mim [...] Posso ser pó, mas pó perturbado, pó que sonha, pó que tem estranhas premonições de transfiguração, de uma glória guardada, um destino preparado, uma herança que um dia será minha [...] Sou um enigma para mim mesmo, um enigma exasperante [...] esta estranha dualidade de pó e glória.²⁶

Diante do horror de sua própria dicotomia, algumas pessoas são tolas o suficiente para imaginar que podem resolver seus próprios problemas, banindo o mal e libertando o bem dentro de si. A expressão clássica da nossa ambivalência humana e das nossas esperanças de autossalvação foi dada por Robert Louis Stevenson em seu famoso conto *O estranho caso do Dr. Jekyll e Sr. Hyde* (1886). Henry Jekyll era um médico rico e respeitável, inclinado à religião e à filantropia. Mas estava consciente de que a sua personalidade tinha outro lado, mais sombrio, de modo que estava “comprometido com uma profunda duplicidade de vida”. Ele descobriu que “o homem não é verdadeiramente um, mas verdadeiramente dois”. Ele começou a sonhar em resolver o problema de sua dualidade, garantindo que ambos os lados de seu personagem estivessem “alojados em identidades separadas”, o injusto seguindo um caminho, e o justo, o outro. Então ele desenvolveu uma droga pela qual poderia assumir o corpo deformado e a personalidade maligna do Sr. Hyde, seu alter ego, por meio de quem dava vazão às suas paixões – ódio, violência, blasfêmia e até assassinato.

No início, o Dr. Jekyll controlava as suas transformações e gabava-se de que, no momento que quisesse, poderia livrar-se do Sr. Hyde para sempre. Mas gradualmente Hyde foi ficando mais forte que Jekyll, até que este começou a se transformar em Hyde involuntariamente, e só com grande esforço conseguia retomar sua existência como Jekyll. “Eu estava lentamente perdendo o controle do meu ser original e melhor, e lentamente ia me incorporando ao meu segundo e pior ser.” Finalmente, alguns momentos antes de ser revelado e preso, ele cometeu suicídio. A verdade é que cada Jekyll tem o seu Hyde, que não consegue controlar e que ameaça tomar conta dele.

Este paradoxo contínuo da nossa humanidade lança muita luz sobre a nossa vida privada e pública. Vou dar um exemplo de cada um.

Começo com a *redenção pessoal*. Visto que o mal está tão profundamente entrincheirado dentro de nós, somos totalmente incapazes de nos salvar. Então nossa necessidade mais urgente é a redenção. Precisamos de um novo começo na vida que nos ofereça uma limpeza da sujeira do pecado e um coração novo, até mesmo uma nova criação, com novas perspectivas, novas ambições e novos poderes. E, como fomos feitos à imagem de Deus, tal redenção é possível. Nenhum ser humano é irremediável. Porque Deus veio até nós em Jesus Cristo e nos perseguiu até a desolada agonia da cruz. Ali ele tomou nosso lugar, suportou nosso pecado e morreu nossa morte para que pudéssemos ser perdoados. Então ele se levantou, subiu ao céu e enviou o Espírito Santo, que é capaz de entrar em nossa personalidade e nos mudar, começando de dentro. Se há alguma notícia melhor para a raça humana do que esta, eu nunca a ouvi.

Meu segundo exemplo da nossa situação humana paradoxal diz respeito ao *progresso social*. O fato de as pessoas – mesmo pessoas muito degradadas – reterem vestígios da imagem divina, à qual foram criadas, é evidente. É por isso que, em geral, todos os seres humanos preferem a justiça à injustiça, a liberdade à opressão, o amor ao ódio, a paz à violência. Essa observação diária levanta nossas esperanças para a mudança social. A maioria das pessoas acalenta visões de um mundo melhor. O fato complementar, no entanto, é que os seres humanos estão “distorcidos pelo egocentrismo” (como ex-arcebispo da Cantuária, Michael Ramsey, costumava definir o pecado original), e isso coloca limites para as nossas expectativas. Os seguidores de Jesus são realistas, não utópicos. É possível melhorar a sociedade, mas a sociedade perfeita, “o lar da justiça”,²⁷ espera o retorno de Jesus Cristo.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Você tende a ser otimista ou pessimista em relação às outras pessoas?
2. O que você vê atualmente que reflete a dignidade dos seres humanos? O que você vê atualmente que reflete a depravação dos seres humanos?
3. John Stott enumera cinco características da dignidade humana: nossa racionalidade autoconsciente, nossa capacidade de fazer escolhas morais, nossos poderes de criatividade artística, nossa capacidade de relacionamentos de amor e nossa sede insaciável de Deus. Para cada uma dessas cinco características, identifique algo que você pode fazer que lhe permita ser mais plenamente humano.
4. Como as nossas semelhanças e diferenças em relação aos animais deveriam moldar a forma como os tratamos?
5. Como o paradoxo da dignidade humana e da depravação humana deveria afetar nossa abordagem em relação à política? O que acontece se ignoramos a dignidade humana? O que acontece se ignorarmos a depravação humana?
6. O que o paradoxo da dignidade humana e da depravação humana sugere ser a maior necessidade da raça humana?

CAPÍTULO 2

LIBERDADE AUTÊNTICA

UMA DAS MELHORES maneiras de compartilhar o evangelho hoje é apresentá-lo em termos de liberdade. Pelo menos três argumentos podem ser usados.

Em primeiro lugar, a liberdade é um tema extremamente atraente. Há uma desconfiança generalizada da autoridade, da tradição e das instituições da nossa cultura, vista como sinônimo de uma busca de liberdade em âmbito mundial. Muitos estão obcecados com tal liberdade e gastam a vida em busca dela. Para alguns se trata da liberdade nacional, a emancipação do domínio externo. Para outros, são os direitos civis, pois protestam contra a discriminação étnica, sexual ou de gênero. No entanto, outros estão preocupados com a busca da liberdade econômica, a liberdade da fome, da pobreza e do desemprego. Ao mesmo tempo, todos estamos preocupados com a nossa liberdade pessoal. Mesmo aqueles que fazem campanha mais vigorosamente pelas outras liberdades que mencionei (nacionais, civis e econômicas) muitas vezes sabem que eles mesmos não estão libertos. Nem sempre podem dar nomes às tiranias que os oprimem. No entanto, sentem-se frustrados, insatisfeitos e não livres.

John Fowles, autor de *A Mulher do Tenente Francês*, livro que foi transformado em um filme estrelado por Meryl Streep e Jeremy Irons, ouviu a seguinte pergunta durante uma entrevista: “Existe uma imagem particular do mundo que você gostaria de desenvolver em sua escrita? Algo que continua sendo importante para você?”. “Liberdade, sim”, John Fowles

respondeu. “Como você alcança a liberdade. Isso me obceca. Todos os meus livros são sobre isso.”¹

Em segundo lugar, “liberdade” é uma grande palavra cristã. Jesus Cristo é retratado no Novo Testamento como o libertador supremo do mundo. “O Espírito do Senhor está sobre mim”, afirmou ele, aplicando uma profecia do Antigo Testamento a si mesmo, “porque ele me ungiu para pregar boas-novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor”.² Se Jesus pretendia que os pobres, os presos, os cegos e os oprimidos fossem entendidos como categorias materiais ou espirituais – ou ambas (a questão continua a ser muito debatida) –, a boa-nova que ele proclamou para eles foi certamente “liberdade” ou “livramento”. Mais tarde, em seu ministério público, acrescentou a promessa: “Se o Filho os libertar, vocês de fato serão livres.”³ Então o apóstolo Paulo se tornou o paladino da liberdade cristã e escreveu: “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Portanto, permaneçam firmes e não se deixem submeter novamente a um jugo de escravidão”.⁴ Para aqueles que pensam que “salvação” não passa de um jargão religioso sem sentido, e até mesmo um constrangimento, “liberdade” é um excelente substituto. Ser salvo por Jesus Cristo é ser libertado.

Terceiro, a liberdade é muito mal-entendida. Mesmo aqueles que falam mais alto e por mais tempo sobre liberdade nem sempre param para definir o que estão falando. Um exemplo notável é o orador marxista que discursava eloquentemente na esquina sobre a liberdade que todos nós apreciaríamos após a revolução. “Quando tivermos liberdade”, gritava, “todos poderão fumar charutos como esse”, apontando para um cavalheiro opulento que passava.

“Prefiro o meu cigarro”, gritou um provocador.

“Quando tivermos liberdade”, continuou o marxista, ignorando a interrupção e falando ainda mais acaloradamente sobre o tema, “todos poderão dirigir carros como esse”, apontando para uma suntuosa Mercedes que passava.

“Eu prefiro a minha moto”, gritou o provocador.

E assim o diálogo continuou, até que o marxista não conseguiu mais suportar aquele que o atormentava. Virando-se para ele, disse: “Quando tivermos liberdade, você vai fazer o que lhe mandarem”.

O NEGATIVO: LIBERDADE *DE*

Então, o que é liberdade? Uma verdadeira definição está fadada a começar negativamente. Temos de identificar as forças que nos tiranizam e assim inibem nossa liberdade. Só então poderemos compreender como Cristo é capaz de nos libertar.

Primeiro, Jesus Cristo nos oferece *liberdade da culpa*. Devemos agradecer a reação contra a insistência de Freud de que os sentimentos de culpa são patológicos, sintomas de doença mental. Alguns são, sem dúvida, especialmente em certos tipos de depressão, mas nem toda culpa é falsa culpa. Pelo contrário, um número crescente de psicólogos e psicoterapeutas contemporâneos, mesmo que não sejam cristãos, estão nos dizendo que devemos levar a sério as nossas responsabilidades. O falecido doutor Hobart Mowrer, da Universidade de Illinois, por exemplo, entendia a vida humana em termos contratuais e via o pecado como uma quebra de contrato para a qual uma restituição deve ser feita. Certamente, a Bíblia sempre enfatizou tanto nossas obrigações como seres humanos quanto nossa incapacidade de cumpri-las. Em particular, temos colocado a nós mesmos contra o amor e a

autoridade de Deus e contra o bem-estar do próximo. Para usar uma linguagem cristã simples, não somos apenas pecadores, mas pecadores culpados, e nossa consciência confirma isso. Segundo uma das piadas de Mark Twain: “O homem é o único animal que fica corado – ou que precisa ficar”.⁵

Ninguém é livre se não for perdoado. Se eu não tivesse certeza da misericórdia e do perdão de Deus, não poderia olhar para você na cara, nem para Deus (o mais importante). Eu preferiria fugir e me esconder, como Adão e Eva fizeram no jardim do Éden. O “acobertamento” não começou com políticos contemporâneos, mas no Éden. Eu certamente não seria livre. Não muito tempo antes de morrer, em um momento de surpreendente franqueza na televisão, Marghanita Laski, conhecida humanista secular e romancista, disse: “O que mais invejo em vocês cristãos é o seu perdão; não tenho ninguém para me perdoar”.

“Mas”, como os cristãos querem gritar dos telhados, ecoando o salmista, “em Deus está o perdão”.⁶ Porque, em seu amor pelos pecadores como nós, Deus entrou em nosso mundo na pessoa de seu Filho. Tendo vivido uma vida de justiça perfeita, ele se identificou na sua morte com a nossa injustiça. Ele levou o nosso pecado, a nossa culpa, a nossa morte em nosso lugar, a fim de que pudéssemos ser perdoados.

Assim, liberdade começa com perdão. Lembro-me de um estudante universitário que tinha sido criado no espiritismo e que, um dia, foi levado para uma reunião cristã, onde ouviu o evangelho. No fim de semana seguinte, a batalha por sua alma começou de verdade, até que (como escreveu mais tarde) ele gritou em desespero para que Jesus Cristo o salvasse. Então, disse, “ele realmente veio a mim. Eu senti um amor real e verdadeiro. Eu não consigo descrever isso. Foi só pura beleza e serenidade. E apesar do fato de não saber nada sobre a salvação e o pecado, e nem sequer

saber o que eles queriam dizer, eu só *sabia* que estava perdoado [...] Eu estava incrivelmente feliz”.

Segundo, Jesus Cristo nos oferece *liberdade de nós mesmos*. Certa vez, falando com alguns judeus que haviam crido nele, Jesus disse: “Se vocês permanecerem firmes na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos. E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará”. Eles estavam indignados. Como Jesus ousava dizer que eles precisavam ser libertados? “Somos descendentes de Abraão”, disseram, “e nunca fomos escravos de ninguém. Como você pode dizer que seremos livres?”

Jesus respondeu: “Digo a vocês a verdade: Todo aquele que vive pecando é escravo do pecado”.⁷

Então, se a culpa é a primeira escravidão da qual precisamos ser libertados, o pecado é a segunda. O que isso significa? Tal como “salvação”, “pecado” é uma palavra que pertence ao vocabulário tradicional dos cristãos. “Eu não sou um pecador”, as pessoas costumam dizer, porque parecem associar o pecado com delitos específicos e bastante espetaculares, como assassinato, adultério e roubo. Mas o pecado tem uma conotação muito mais ampla do que isso. Lembro-me da revelação que foi para mim aprender que, para a Bíblia, “pecado” é primariamente egocentrismo. Afinal, os dois grandes mandamentos de Deus são, em primeiro lugar, que o amemos com todo o nosso ser, e, em segundo lugar, que amemos o nosso próximo como a nós mesmos. O pecado, então, é a inversão desta ordem. É colocar-nos em primeiro lugar, proclamando a nossa própria autonomia. Colocamos o próximo logo depois, quando nos convém, e deixamos Deus em algum lugar mais para o fim da fila.

O fato de que o egocentrismo é comum a toda experiência humana é evidente a partir da rica variedade de palavras em nosso vocabulário que são compostas com os termos “auto” ou “ego”. Há mais de cinquenta que têm um

significado pejorativo – palavras como autoadmiração, autocontemplação, autoafirmação, autopromoção, autoindulgência, autossatisfação, autoglorificação, autocomiseração, autossuficiência.

O nosso egocentrismo (ou “autocentrismo”) é uma tirania terrível. Malcolm Muggeridge costumava falar da “pequena masmorra escura do meu próprio ego”. E que masmorra escura! Estar absortos em nossas próprias preocupações e ambições egoístas, sem levar em conta nem a glória de Deus nem o bem dos outros, é estar confinados nas prisões mais apertadas e insalubres.

No entanto, Jesus Cristo, que ressuscitou dos mortos e está vivo, pode nos libertar. Podemos conhecer “o poder da sua ressurreição”.⁸ Ou, para colocar a mesma verdade em palavras diferentes, o Jesus vivo pode entrar em nossa personalidade pelo seu Espírito e nos transformar de dentro para fora. É claro que os cristãos não vão reivindicar ser perfeitos, mas, pelo poder do Espírito de Cristo que habita em nós, ao menos começamos a experimentar uma transformação do ‘eu’ para o ‘não eu’. Nossa personalidade anteriormente fechada está começando a se abrir para Cristo, como uma flor abrindo-se para o calor do sol.

Terceiro, Jesus Cristo nos oferece *liberdade do medo*. O mundo antigo ao qual ele veio vivia sob o medo dos poderes que habitavam as estrelas, como se acreditava. Ainda hoje, os adeptos de religiões tradicionais são assombrados por espíritos maus que precisam ser aplacados. A vida das pessoas modernas também é ofuscada pelo medo. Há aqueles medos comuns que sempre atormentaram os seres humanos – o medo da doença, do luto, da velhice e da morte, juntamente com o medo do desconhecido, do oculto e de desastres ambientais. A maioria de nós também sofreu, por vezes, com medos irracionais. É extraordinário quantas pessoas estudadas alimentam medos supersticiosos: batem na madeira, cruzam os dedos,

carregam amuletos e evitam o número treze, acreditando que é o número do azar. Muitos prédios de hotéis nos Estados Unidos não têm décimo terceiro andar. Enquanto o elevador sobe, os números saltam de 12 para 14. As pessoas são muito supersticiosas para dormir no décimo terceiro andar, mas nem percebem que ainda é o décimo terceiro, mesmo se você chamá-lo de décimo quarto! Na Inglaterra há mais adultos que leem o horóscopo a cada semana do que leem a Bíblia.

Todo medo traz uma medida de paralisia. Ninguém que tem medo é livre. Além disso, o medo é como fungo: cresce mais rapidamente no escuro. É essencial, portanto, trazer os nossos medos à luz e olhá-los, especialmente à luz da vitória e da supremacia de Jesus Cristo. Pois aquele que morreu e ressuscitou também foi exaltado à mão direita de seu Pai, e “colocou todas as coisas debaixo de seus pés”.² Onde estão, pois, as coisas que antes temíamos? Estão debaixo dos pés do Cristo triunfante. É quando as vemos lá que o poder aterrorizante delas é quebrado.

Um jovem professor africano ilustrou certa vez que o medo e a liberdade são mutuamente incompatíveis. Nós estávamos discutindo a necessidade de que os cristãos tivessem um interesse maior na história natural como sendo criação de Deus. “Antes de me tornar cristão”, respondeu ele, “eu tinha medo de muitas coisas, especialmente de cobras. Mas agora eu acho difícil matar uma, porque gosto de vê-las. Agradeço a Deus porque agora eu sou realmente livre.”

O POSITIVO: LIBERDADE PARA

Até agora, ligamos as tiranias que impedem a nossa liberdade aos três grandes acontecimentos na experiência de Jesus Cristo: sua morte,

ressurreição e exaltação. Há liberdade da culpa porque ele morreu por nós, liberdade do eu porque podemos viver no poder da sua ressurreição, e liberdade do medo porque ele reina, tendo todas as coisas debaixo de seus pés.

No entanto, é um erro grave definir a liberdade em termos inteiramente negativos, mesmo que os dicionários cometam esse engano. De acordo com um, a liberdade é “a ausência de obstáculos, restrições, confinamento, repressão”, enquanto, de acordo com outro, ser livre é ser “não escravizado, não preso, não restrito, não reprimido, não impedido”. Cada negativo, no entanto, tem sua contrapartida positiva. O verdadeiro grito de liberdade não é apenas o resgate de alguma tirania, mas também a liberdade de viver uma vida plena e significativa. Quando um país é libertado de uma ditadura, fica livre para desenvolver uma nova identidade nacional. Quando a imprensa não está sob o controle governamental e a censura, fica livre para publicar a verdade. Quando uma minoria é libertada da discriminação, fica livre para desfrutar de respeito próprio e dignidade. Porque é a condição de nação que é negada quando um país não é livre, a verdade é negada quando a imprensa não é livre e o respeito próprio é negado quando uma minoria não é livre.

Qual é, então, a liberdade positiva do ser humano? Michael Ramsey, um ex-arcebispo da Cantuária, certa vez pregou uma série de quatro sermões, que foram publicados sob o título *Liberdade, Fé e o Futuro*. No primeiro, ele fez a pergunta: “Sabemos *do que* queremos libertar os homens. Mas sabemos *para que* queremos libertar os homens?”. Ele respondeu à sua própria pergunta. Nossa luta por essas liberdades “que mais palpavelmente agitam nossos sentimentos” (por exemplo, liberdade de perseguição, de prisão arbitrária, de fome incapacitante e de pobreza) sempre deveria ser “no contexto da questão mais radical e revolucionária de libertar o homem de si e para a glória de Deus”.¹⁰

Esta é a questão – para que somos libertados por Cristo – que precisamos perseguir. O princípio é este: *a verdadeira liberdade é a liberdade de sermos nós mesmos, tal como Deus nos fez e queria que fôssemos*. Como é que este princípio pode ser aplicado?

Devemos começar com o próprio Deus. Você já pensou que Deus é o único ser que desfruta de perfeita liberdade? Você poderia argumentar que ele não é livre, pois sua liberdade certamente não é absoluta no sentido de que pode fazer absolutamente qualquer coisa. A própria Escritura nos diz que ele não pode mentir, tentar ou ser tentado, nem tolerar o mal.¹¹ No entanto, a liberdade de Deus é perfeita no sentido de que ele é livre para fazer absolutamente qualquer coisa que ele queira fazer. A liberdade de Deus é liberdade para ser sempre ele mesmo por completo. Não há nada arbitrário, mal-humorado, caprichoso ou imprevisível sobre ele. Ele é constante, firme, imutável. Na verdade, a principal coisa que a Escritura diz que Deus “não pode” (não pode porque ele não quer) é contradizer a si mesmo. “Ele não pode negar-se a si mesmo”.¹² Fazer isso não seria liberdade, mas autodestruição. Deus encontra sua liberdade em ser ele mesmo, seu verdadeiro eu.

O que é verdade sobre Deus, o Criador, também é verdade em relação a todas as coisas e seres criados. Liberdade absoluta, liberdade ilimitada, é uma ilusão. Se é impossível para Deus (o que é), é certamente impossível para a criação de Deus. A liberdade de Deus é a liberdade de ser ele mesmo; nossa liberdade é a liberdade de sermos nós mesmos. A liberdade de cada criatura é limitada pela natureza que Deus lhe deu.

Considere os peixes como exemplo. Deus criou os peixes para viverem e se desenvolverem na água. Suas guelras são adaptadas para absorver oxigênio da água. A água é o único elemento em que um peixe pode encontrar a sua “peixidade”, sua identidade como peixe, o seu cumprimento,

a sua liberdade. É verdade que ele é limitado à água, mas nessa limitação está a liberdade. Suponha que você tenha um peixinho em casa. Ele não vive em um daqueles tanques, aerados, grandes e modernos, mas em uma daquelas antiquadas vasilhas esféricas, aquelas de peixinhos dourados. E suponha que seu peixe fique nadando em círculos até achar sua frustração insuportável. Então ele decide fazer uma aposta pela liberdade e salta para fora do seu confinamento. Se de alguma forma ele consegue saltar em um tanque em seu jardim, ele vai aumentar a sua liberdade. Ele continua estando na água, mas ali há mais água por onde nadar. Se em vez disso ele cai no tapete, a sua tentativa de escapar resulta não em liberdade, mas em morte.

E quanto aos seres humanos? Se os peixes foram feitos para a água, para que os seres humanos foram feitos? Penso que temos de responder assim: se a água é o elemento em que os peixes encontram a sua natureza, então o elemento em que os seres humanos encontram a sua humanidade é o amor, os relacionamentos de amor. Morris West dá um exemplo impressionante disso em seu livro *Filhos do Sol*, que conta a história dos *scugnizzi*, as crianças de rua abandonadas de Nápoles, e do amor do padre Mario Borelli por eles. “Há uma coisa sobre nós (os napolitanos)”, disse Mário a Morris, “que nunca muda. Temos necessidade de amor, assim como um peixe tem necessidade de água ou como um pássaro tem necessidade de ar.”¹³ Ele passou a explicar que cada um dos *scugnizzi* que ele conhecia “tinha saído de casa porque não havia mais amor por ele”.

Mas não são apenas as crianças de rua do mundo que precisam amar e ser amadas, ou que descubrem que a vida significa amor. Somos todos nós. É no amor que nos encontramos e nos realizamos. A razão para isso não é difícil de encontrar. É que Deus é amor no seu ser essencial, de modo que, quando nos fez à sua imagem, nos deu a capacidade de amar como ele ama. Logo,

não é por acaso que os dois grandes mandamentos de Deus falam de amar: amar a Deus e uns aos outros, pois este é o nosso destino. Uma existência verdadeiramente humana é impossível sem amor. Viver é amar, e sem amor nós murçamos e morremos. Como expressou Robert Southwell, poeta católico do século 16: “Não quando respiro, mas quando amo, eu vivo”. Ele provavelmente estava ecoando a observação de Agostinho de que a alma vive onde ama, não onde existe.

O amor verdadeiro, no entanto, coloca restrições sobre aquele que ama, pois o amor é essencialmente autodoação. E isso nos leva a um paradoxo cristão surpreendente. A verdadeira liberdade é a liberdade de ser o meu verdadeiro eu, tal como Deus me fez e quis que eu fosse. E Deus me fez para amar. Mas amar é dar, é doar a si mesmo. Portanto, para ser eu mesmo, tenho de negar a mim mesmo e me doar. Para ser livre, tenho de servir. Para viver, tenho de morrer para o meu próprio egoísmo. Para me encontrar, tenho de me perder no amor.

A verdadeira liberdade, então, é exatamente o oposto do que muitas pessoas pensam. Não é estar livre da responsabilidade que tenho com Deus e com os outros para que então eu possa viver para mim mesmo. Isso é ser escravo do meu próprio egoísmo. Em vez disso, a verdadeira liberdade é a libertação do meu pequeno eu tolo para poder viver responsavelmente no amor a Deus e aos outros.

No entanto, a mente secular não pode chegar a um acordo com este paradoxo cristão da liberdade por meio do amor. Por exemplo, a romancista francesa Françoise Sagan disse a um entrevistador certa vez que estava perfeitamente satisfeita com a sua vida e que não tinha arrependimentos.

“Você teve a liberdade que queria?”

“Sim.” Então ela qualificou sua declaração. “Obviamente eu era menos livre quando estava apaixonada por alguém [...] Mas uma pessoa não está

apaixonada o tempo todo. Tirando isso [...] Estou livre.”¹⁴

A implicação era clara: o amor inibe a liberdade. Quanto mais você ama, menos livre você é, e vice-versa. Presumivelmente, portanto, o caminho para ser completamente livre é evitar todos os emaranhados do amor – na verdade, desistir completamente de amar.

Mas Jesus ensinou o contrário disso em um de seus ditos favoritos, um que ele parece ter citado em diferentes formas e contextos. Ele disse: “Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá; mas quem perder a sua vida por minha causa e pelo evangelho a salvará”.¹⁵ Eu costumava imaginar que Jesus estava referindo-se aos mártires que deram a vida por ele. E o princípio que ele está enunciando certamente os inclui. Mas a vida de que ele está falando, que pode ser salva ou perdida, não é nossa existência física (*zōē*), mas nossa alma ou nosso eu (*psychē*). É uma palavra que muitas vezes é usada em vez da reflexiva “se” ou “a si mesmo”. Então, talvez se possa parafrasear as palavras de Jesus assim: “Se você insistir em se agarrar a si mesmo, e em viver para si mesmo, e recusar a se deixar levar, você vai se perder. Mas se você está disposto a se entregar em amor, então, no momento do completo abandono, quando você imagina que tudo está perdido, o milagre acontece e você encontra a si mesmo e sua liberdade”. É apenas o serviço sacrificial, a doação do eu em amor a Deus e aos outros, que é a perfeita liberdade.

A liberdade autêntica, então, combina o negativo (liberdade *de*) com o positivo (liberdade *para*). Ou, em outras palavras, reúne a liberdade da tirania e a liberdade sob autoridade. Jesus ilustrou isso em um de seus convites mais conhecidos:

Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu darei descanso a vocês. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão

descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.¹⁶

Na verdade, há aqui dois convites com uma única promessa. A promessa é “descanso”, o que parece incluir a noção de liberdade. “Eu darei descanso”, diz Jesus. “Vocês encontrarão descanso para suas almas.” Mas a quem ele promete descanso? Ele primeiro o dá para aqueles que chegam a ele “cansados e sobrecarregados”, pois ele carrega seus fardos e os liberta. Segundo, ele dá descanso para aqueles que tomam o seu jugo sobre eles e aprendem com ele. Assim, o verdadeiro descanso é encontrado em Jesus Cristo, nosso Salvador, que nos liberta da tirania da culpa, do eu e do medo, e em Jesus Cristo, nosso Senhor, quando nos submetemos à autoridade de seu ensinamento. Porque o seu jugo é suave, o seu fardo é leve, e ele próprio é “manso e humilde de coração”.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Quais são os sinais de que há interesse pela liberdade no mundo que nos rodeia? Quais são os sinais entre a sua família e amigos?
2. Que diferença faz ver o pecado não apenas como delitos específicos, mas como egocentrismo (falta de amor)? Você pode identificar maneiras pelas quais nos tornamos escravizados pelo nosso egoísmo?
3. De que maneira o medo impede você de ser a pessoa que você quer ou deveria ser?
4. De que maneira Deus é reprimido? Em que sentido ele é livre – mais livre do que qualquer outro?

5. Em suas próprias palavras, como você descreveria a ligação que Stott faz entre liberdade e amor?
6. Qual é a diferença entre liberdade de autoridade e liberdade sob autoridade? Por que a liberdade sob autoridade é uma boa notícia?

CAPÍTULO 3

CRISTO E SUA CRUZ

O EVANGELHO é uma boa-nova de liberdade, como vimos no capítulo anterior. No entanto, isso por si só é uma ênfase unilateral. Pois o que o evangelho anuncia, de acordo com o Novo Testamento, é não apenas o que Cristo oferece às pessoas hoje, mas também o que ele fez para tornar essa oferta possível. O evangelho apostólico reúne o passado e o presente, o antes e o agora, o evento histórico e a experiência contemporânea. Ele declara não apenas que Jesus salva, mas também que ele morreu por nossos pecados e foi ressuscitado da morte para realizar essa salvação. O evangelho não é pregado se o poder salvador é proclamado mas os eventos salvíficos são omitidos, especialmente a cruz.

Neste capítulo vamos refletir sobre uma das maiores declarações de Paulo sobre a origem, o conteúdo e o poder do evangelho e, em particular, sobre a centralidade da cruz de Cristo.

Eu mesmo, irmãos, quando estive entre vocês, não fui com discurso eloquente nem com muita sabedoria para lhes proclamar o mistério de Deus. Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este crucificado. E foi com fraqueza, temor e com muito tremor que estive entre vocês. Minha mensagem e minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria, mas em demonstração do poder do Espírito, para que a fé que vocês têm não se baseasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus.¹

A partir deste texto essencialmente trinitário, três lições principais sobre evangelismo se destacam. Dizem respeito à Palavra de Deus, à cruz de Cristo e ao poder do Espírito.

A PALAVRA DE DEUS

O evangelho é a verdade vinda de Deus. O que Paulo proclamou aos coríntios, ele disse, não era a sabedoria humana, a sabedoria do mundo,² mas a Palavra de Deus ou a sabedoria de Deus, que ele aqui chama de testemunho de Deus ou de “mistério” de Deus.³ Em outras palavras, a mensagem de Paulo veio de Deus. O evangelho do apóstolo é a verdade de Deus.

É aqui que toda verdadeira evangelização deve começar. Não inventamos a nossa mensagem. Não nos aproximamos de pessoas com nossas próprias especulações humanas. Em vez disso, somos portadores da Palavra de Deus, curadores do evangelho de Deus, administradores dos segredos revelados por Deus.

Além disso, a pregação de Paulo correspondia à sua mensagem. Ele não veio aos coríntios nem com “discurso eloquente” nem com “muita sabedoria” (v. 1). Quanto ao conteúdo, renunciou à sabedoria humana orgulhosa, preferindo submeter-se humildemente à Palavra de Deus sobre Cristo (v. 2). Quanto à pregação, renunciou à retórica humana orgulhosa, confiando humildemente no poder do Espírito Santo (v. 3-5). Como C. H. Hodge colocou em seu comentário, ele veio “nem como retórico nem como filósofo”.⁴

Por favor, não interprete isso de forma errada. Não há justificação possível aqui nem para um evangelho sem conteúdo nem para um estilo sem forma.

O que Paulo estava renunciando não era nem substância doutrinária nem argumento racional, mas apenas a sabedoria e a retórica do mundo. Sabemos disso por meio de Lucas, que nos diz em Atos 18 como tinha sido o ministério evangelístico de Paulo em Corinto. Primeiro: “Todos os sábados ele debatia na sinagoga e convencia judeus e gregos” (v. 4). Então ele “ficou ali durante um ano e meio, ensinando-lhes a palavra de Deus” (v. 11). O próprio resumo de Paulo sobre sua pregação foi este: “Procuramos persuadir os homens”.⁵ Ele tanto ensinou a verdade como convenceu as pessoas da verdade.

Assim, não podemos convidar as pessoas a vir a Cristo fechando, sufocando ou reprimindo a mente delas. Não. Uma vez que Deus fez as pessoas como seres racionais, espera-se que elas usem sua mente. É verdade que elas nunca irão crer sem a iluminação do Espírito Santo. Sem o Espírito, todos os nossos argumentos serão infrutíferos. “Mas”, escreveu Gresham Machen, “só porque o argumento é insuficiente, não quer dizer que é desnecessário. O que o Espírito Santo faz no novo nascimento não é tornar alguém um cristão, independentemente da evidência, mas, em vez disso, limpar as névoas de seus olhos e habilitá-lo a prestar atenção à evidência.”⁶

Assim, então, o evangelho é a verdade que vem de Deus que foi confiada a nós. Nossa responsabilidade é apresentá-lo de forma tão clara, coerente e convincente quanto possível e, como os apóstolos, discuti-lo tão persuasivamente quanto pudermos. E o tempo todo, ao fazermos isso, estaremos confiando no Espírito Santo da verdade para dissipar a ignorância das pessoas, vencer seus preconceitos e convencê-las sobre Cristo.

A CRUZ DE CRISTO

Chegamos agora ao versículo 2: “Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este crucificado”. Algumas pessoas interpretam isso erroneamente, como se Paulo tivesse escrito “a não ser Jesus Cristo crucificado”, e concluem que seu único tópico era a cruz. O que Paulo realmente escreveu, no entanto, foi que ele determinou não saber nada “a não ser Jesus Cristo” (a mensagem dele focada nele), “e [especialmente, mas não exclusivamente] este crucificado”. Esta ênfase é consistente com a descrição de Lucas em Atos quanto à obra evangelística de Paulo. E a ressurreição de Cristo? Ela certamente apareceu com força na pregação dos apóstolos. No entanto, eles a entenderam e proclamaram não como um evento isolado ou independente, mas relacionado com a cruz. Pois a ressurreição não foi apenas o que veio após a morte de Jesus; foi a inversão do veredicto humano sobre ele e a reivindicação pública do propósito divino na sua morte.

Antes de Paulo chegar a Corinto, ele tomou a decisão de se concentrar em sua pregação em Cristo, e especialmente na cruz. “Decidi” (NVI, ARA, NAA), ele escreveu; “me propus” (ARC); “resolvi” (TB, NTLH) fazer assim. Esta é a decisão que temos de investigar. Por que ele precisava fazer isso?

A reconstrução popular do que aconteceu é bem conhecida. Paulo chegou a Corinto vindo de Atenas. Seu sermão aos filósofos atenienses (como diz a teoria) tinha sido um fracasso. Além de ter sido muito intelectual, Paulo não tinha pregado o evangelho. Ele tinha focado na criação em vez da cruz. Como resultado, não houve conversões. Assim, em seu caminho de Atenas para Corinto, Paulo se arrependeu do evangelho distorcido que ele havia pregado em Atenas e, em Corinto, resolveu focar sua mensagem na cruz.

Confesso que quando ouvi pela primeira vez esta teoria, há muitos anos, eu a engoli por completo. Desde aquele momento, porém, comecei a rejeitá-la, pois ela não se mantém quando examinada. Primeiro, a missão de Paulo

em Atenas não tinha sido um fracasso. Pelo contrário, “alguns homens juntaram-se a ele e creram. Entre eles estava Dionísio, membro do Areópago, e também uma mulher chamada Dâmaris, e outros com eles”.⁷ Segundo, em seu relato no livro de Atos, Lucas não dá sinal algum indicando sua opinião de que o sermão de Paulo em Atenas tenha sido um erro. Pelo contrário, Lucas registra isso como um modelo da pregação do apóstolo aos intelectuais gentios. Terceiro, é quase certo que Paulo pregou a cruz em Atenas, já que ele pregou “a respeito de Jesus e da ressurreição”,⁸ e não se pode pregar a ressurreição sem a morte que a precedeu. É verdade que, por causa de sua audiência gentia, Paulo começou com a idolatria e a criação, em vez de iniciar pelas Escrituras do Antigo Testamento. Mas ele não parou por aí. O sermão que Lucas registra levaria apenas dois minutos para ser pregado; Paulo deve ter elaborado este esboço consideravelmente. Quarto, Paulo de fato não mudou suas táticas em Corinto. Lucas mostra que, assim como em Atenas, também em Corinto ele continuou a argumentar, ensinar e persuadir.⁹

E qual foi a decisão de Paulo, então? Por trás de cada decisão tomada existe uma indecisão anterior, uma situação em que várias opções se apresentam e somos obrigados a escolher, decidindo por uma opção em detrimento das outras. Claramente, então, por trás da decisão de Paulo de pregar apenas Cristo, e especialmente a cruz, há uma tentação de pregar Cristo sem a cruz ou, então, nem mesmo pregar Cristo, mas sim a sabedoria do mundo. Então, por que isso era uma tentação para Paulo quando ele viajou de Atenas para Corinto? Certamente não era o seu suposto fracasso em Atenas, mas sim o medo da recepção que esperava por ele em Corinto. E quem eram esses coríntios? Por que Paulo se sentia tão intimidado por eles e tão apreensivo quando se aproximava deles (“com fraqueza, temor e com

muito tremor que estive entre vocês”, v. 3)? Por que ele precisava tomar uma decisão firme enquanto se preparava para interagir com eles?

Ao respondermos a estas perguntas, descobriremos também as principais objeções contemporâneas à mensagem de Cristo e sua cruz. De fato, veremos por que razão temos de tomar hoje a mesma decisão.

(a) *A objeção intelectual*, ou a loucura da cruz. Paulo já havia enfrentado escárnio intelectual em Atenas. Os filósofos o insultaram chamando-o de *spermologos*, ou “colhedor de sementes” (NVI: “tagarela”). A palavra foi aplicada literalmente a aves carniceiras e, por extensão, aos andarilhos que viviam dos restos que podiam encontrar na sarjeta. Metaforicamente, denotava professores que viviam apenas de ideias tomadas de outros. Os atenienses adoravam no santuário da originalidade.¹⁰ Eles desprezavam o que fosse antiquado e obsoleto.

Os filósofos zombaram quando a ressurreição foi mencionada.¹¹ Eles “riram com desprezo” (NVT). Acho que isso significa que eles “morreram de rir”. Lucas não diz qual foi a reação quando Paulo pregou a cruz. Mas Paulo sabia que isso era “escândalo para os judeus e loucura para os gentios”.¹² Para o judeu incrédulo era inconcebível que o Messias morresse “num madeiro”, isto é, sob a maldição de Deus.¹³ Para o gentio incrédulo era ridículo supor que um deus, um dos imortais, deveria morrer. Celso, filósofo cínico do segundo século, foi mordaz ao criticar os cristãos por isso. Ele imaginava que, por adorar aquele que, como ele expressou, “foi feito prisioneiro e executado”, os cristãos eram como pessoas que adoravam os mortos.¹⁴

Corinto não tinha escapado da arrogância intelectual de Atenas. As duas cidades estavam a apenas cerca de oitenta quilômetros de distância uma da outra. A primeira carta de Paulo aos Coríntios fornece muitas evidências de que o orgulho intelectual era um dos principais pecados da igreja de

Corinto. Este foi o pano de fundo contra o qual Paulo tomou a sua decisão de renunciar à sabedoria do mundo em favor da “loucura da cruz”. Zombarias e escárnios o aguardavam. Mas ele sabia que a loucura de Deus é mais sábia do que a sabedoria humana.¹⁵

Ainda hoje a mensagem da cruz é profundamente desprezada. A doutrina bíblica e evangélica da expiação (que Cristo morreu em nosso lugar a morte que merecemos morrer, como nosso substituto) é alvo de oposição e até mesmo de zombarias. Tal doutrina é chamada de “primitiva”, “retórica”, “injusta”, “imoral” e “bárbara”. A. J. Ayer chamou as doutrinas cristãs do pecado e da expiação de “intelectualmente desprezíveis e moralmente ultrajantes”.¹⁶ Um teólogo liberal descreveu aspectos da minha própria apresentação em *A Cruz de Cristo* como “insustentáveis”, “ininteligíveis”, “não apenas inexplicáveis, mas também incompreensíveis” e, assim, “incomunicáveis”. Como devemos responder a essa bateria de epítetos negativos? Não negamos que algumas formulações evangélicas tenham sido desequilibradas e não bíblicas. Sempre que colocamos Jesus Cristo no papel de um terceiro que interveio para nos resgatar de um Deus irado, somos culpados de uma farsa que permanece condenada. Porque foi Deus quem amou o mundo e Deus quem tomou a iniciativa de enviar o seu Filho para morrer por nós. No entanto, a iniciativa que ele tomou levou Cristo a ser feito “pecado” e “maldição” por nós,¹⁷ e tal linguagem muitas vezes desperta uma extraordinária hostilidade. Daí a tentação de recortar o evangelho de Cristo crucificado, para eliminar suas características mais censuráveis e tentar torná-lo mais palatável para paladares modernos sensíveis. Não admira que o apóstolo soa quase feroz em expressar sua decisão de conhecer apenas Jesus Cristo e, especialmente, sua cruz. Foi uma escolha entre fidelidade e popularidade.

(b) *A objeção religiosa*, ou a exclusividade do evangelho. Se Paulo considerou Atenas “cheia de ídolos”,¹⁸ provavelmente não teria considerado Corinto menos idólatra. A cidade é conhecida por ter tido pelo menos duas dúzias de templos, cada um dedicado a uma divindade diferente. Na época em que Paulo escreveu, sete enormes pilares do templo de Apolo, em Corinto, ainda estavam de pé. E, por trás da cidade, se levanta o Acrocorinto, uma montanha com quase 610 metros, no alto da qual ficava o templo de Afrodite. Assim, os coríntios, como os atenienses, eram “muito religiosos”.¹⁹ Eles honravam muitos deuses, que toleravam uns aos outros numa convivência amigável.

Os coríntios não teriam levantado objeção alguma se os evangelistas cristãos se contentassem em adicionar Jesus ao seu já vasto panteão de deuses. Mas o apóstolo Paulo tinha algo muito diferente em vista quando visitou a cidade. Ele queria que Corinto, com todos os seus habitantes e todos os seus deuses, se curvasse e adorasse Jesus. Ele veio a Corinto com a firme intenção de não saber nada, “a não ser Jesus Cristo, e este crucificado”. Ele sabia muito bem, como lhes escreveu mais tarde, que havia muitos “deuses” e muitos “senhores” competindo por sua lealdade. Mas, na afirmação do apóstolo, “há um único Deus, o Pai, de quem vêm todas as coisas e para quem vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, por meio de quem vieram todas as coisas e por meio de quem vivemos”.²⁰ Paulo não estava disposto a abrir mão disso. Ele considerou sua visita como tendo promovido o noivado deles com Cristo, e até sentiu um ciúme piedoso por eles. “Eu os prometi a um único marido, Cristo, querendo apresentá-los a ele como uma virgem pura”, escreveu. “O que receio, e quero evitar, é que assim como a serpente enganou Eva com astúcia, a mente de vocês seja corrompida e se desvie da sua sincera e pura devoção a Cristo.”²¹ Pois Jesus

Cristo não iria partilhar sua glória com Apolo, Afrodite ou qualquer outra divindade.

A situação religiosa do mundo não mudou muito. É verdade que os velhos deuses da Grécia e de Roma há muito foram desacreditados e descartados. Mas novos deuses levantaram-se em lugar deles, e outras crenças antigas experimentaram um ressurgimento. Como resultado da internet, das mídias sociais e da facilidade de viajar, muitos países são cada vez mais pluralistas. O que as pessoas querem é um sincretismo fácil, uma trégua na competição inter-religiosa, uma miscelânea do que há de melhor de todas as religiões. Mas nós, cristãos, não podemos renunciar nem à finalidade nem à singularidade de Jesus Cristo. Simplesmente não há ninguém como ele. Sua encarnação, expiação e ressurreição não têm paralelos. Como resultado, ele é o único mediador entre Deus e a humanidade.²² Essa afirmação de exclusividade causa fortes e amargos ressentimentos e é considerada por muitos como intolerante. No entanto, as reivindicações da verdade nos obrigam a manter tal afirmação, por mais ofensas que possa causar.²³

(c) *A objeção pessoal*, ou a humilhação do orgulho humano. Algo comum a todas as religiões, exceto o cristianismo, é a noção lisonjeira (expressa de maneiras diferentes) de que somos capazes, se não de alcançar a nossa salvação, pelo menos de contribuir substancialmente para ela. Esta doutrina de autossalvação é extremamente propícia à nossa autoestima. Apela ao nosso ego orgulhoso. Ela nos salva do embaraço final de sermos humilhados diante da cruz.

Os coríntios não eram exceção – eles eram um povo orgulhoso. Tinham orgulho de sua cidade, que tinha sido lindamente reconstruída por Júlio César em 46 antes de Cristo, após sua destruição um século antes. Estavam orgulhosos porque Augusto havia promovido Corinto em vez de Atenas

como a capital da nova província da Acaia. Orgulhavam-se de seu comércio, sua afluência, sua cultura, seus jogos ístmicos e seu zelo religioso.

E eis que surge esse missionário cristão impetuoso, esse ser pretensioso, esse sujeito baixinho, feio e careca, de pernas tortas e sobrelhas pesadas, alguém que parecia não ter respeito por aquela distinta cidade. Ele se atreveu a dizer-lhes que nem a sabedoria, nem a riqueza, nem a religião deles poderia salvá-los. Não havia nada que pudessem fazer para se salvar do juízo de Deus – nem mesmo ajudar na sua salvação. Foi por isso que Jesus Cristo tinha morrido por eles e, sem Cristo, eles pereceriam. Quem ele achava que era para insultá-los desta forma? Foi uma humilhação impressionante para um povo orgulhoso. A mensagem da cruz foi uma pedra de tropeço para judeus orgulhosos e gentios orgulhosos. Não é de se estranhar que a principal resposta ao evangelho em Corinto tenha vindo das camadas mais baixas da sociedade: “Poucos eram sábios segundo os padrões humanos; poucos eram poderosos; poucos eram de nobre nascimento. Mas Deus escolheu [...] o que para o mundo é insignificante, desprezado e o que nada é”.²⁴

Ainda hoje nada mantém as pessoas fora do reino de Deus tanto quanto o orgulho. Como Emil Brunner colocou, em todas as outras religiões “o homem é poupado da humilhação final de saber que o Mediador (Jesus Cristo) deve suportar o castigo em vez dele [...] Ele não é despojado e deixado nu”.²⁵ Mas o evangelho nos despoja (não temos roupas com que nos apresentar diante de Deus) e nos declara falidos (não temos dinheiro com que comprar o favor do céu).

(d) *A objeção moral*, ou o chamado ao arrependimento e à santidade. Corinto era um centro comercial florescente, com rotas de comércio para norte e sul por terra, e para leste e oeste por mar. Assim, a cidade estava cheia de comerciantes, viajantes e marinheiros. Sendo estranhos em uma

cidade estranha, eles exerciam pouca restrição moral. Além disso, Afrodite, a deusa do amor que reunia a corte em seu templo acima da cidade, encorajava a promiscuidade sexual entre seus devotos e fornecia mil prostitutas para vagar pelas ruas da cidade à noite. Corinto era a *Feira de Vaidades* do mundo antigo. Os gregos até transformaram o nome da cidade em um verbo: “corintianizar” (*korinthiazomai*). Significava “praticar a imoralidade”.

Difícilmente se poderia esperar que uma cidade descaradamente imoral como Corinto pudesse acolher o evangelho, com seu chamado ao arrependimento, suas advertências de que os sexualmente depravados não herdarão o reino de Deus²⁶ e sua insistência de que, após a justificação, vem a santificação (crescimento em santidade) e, depois da santificação, a glorificação (quando o mal será abolido).

O mundo moderno não tem mais tempo do que tinha o mundo antigo quando se trata do evangelho e seu chamado ao autocontrole. O mundo gosta de dizer que não existem mais absolutos morais, que a moralidade sexual é apenas uma questão de costume social, que a restrição é ruim enquanto a permissividade é boa, e que o cristianismo com suas proibições é inimigo da liberdade.

(e) *A objeção política*, ou o senhorio de Jesus Cristo. Havia muito fervor político – até mesmo fanatismo – no Império Romano. Procuradores leais a Roma tendiam a incentivar isso e agiam impiedosamente para acabar com qualquer tentativa de rebelião. Precisamos lembrar que o próprio Jesus foi condenado em uma corte romana pelo crime político de sedição, por afirmar ser um rei e rival de César. Da mesma forma, Paulo e Silas foram acusados em Filipos de defender “costumes que a nós, romanos, não é permitido aceitar nem praticar”,²⁷ enquanto em Tessalônica eles foram

acusados de desafiar “os decretos de César, dizendo que existe um outro rei, chamado Jesus”.²⁸

Afinal, essas acusações eram verdadeiras ou falsas? Eram ambas. É claro que nem Jesus nem os apóstolos jamais provocaram uma rebelião armada contra Roma. Eles não eram zelotes ou nacionalistas, o equivalente a terroristas no primeiro século. Mas eles proclamavam que Jesus tinha inaugurado o reino de Deus, que seu reino tomou precedência sobre todas as lealdades menores, que se espalharia por todo o mundo e que o rei estava voltando para assumir seu poder e reinado. Isso realmente soava como sedição. Na verdade, *era* sedição se “sedição” significa negar ao Estado uma autoridade indiscutível, concedendo-a ao Cristo de Deus.

Ainda hoje a única coisa que um regime totalitário não pode suportar é que as pessoas se recusem a lhe dar a lealdade completa que espera. Os cristãos conscienciosamente se submetem ao Estado, na medida em que sua autoridade dada por Deus é usada para promover o bem e punir o mal. Mas nós não o adoraremos. Nós adoramos a Cristo, a quem toda a autoridade no céu e na terra foi dada. Cristo morreu e ressuscitou para ser Senhor de todos.

Aqui, então, estão cinco objeções que são levantadas contra o evangelho de Cristo e a sua cruz, e que Paulo esperava encontrar em Corinto. Ele sabia que a mensagem de Cristo crucificado seria considerada como:

- intelectualmente insensata (incompatível com a sabedoria);
- religiosamente exclusiva (incompatível com a tolerância);
- pessoalmente humilhante (incompatível com a autoestima);
- moralmente exigente (incompatível com a liberdade);
- politicamente subversiva (incompatível com o patriotismo).

Não é de admirar que Paulo se sentisse fraco e nervoso, a ponto de tremer de medo.²⁹ Não é de admirar que ele reconheceu a necessidade de tomar uma decisão. Por um lado, foi uma decisão negativa renunciar à sabedoria do mundo, ou seja, todo sistema que é oferecido como uma alternativa ao evangelho. Por outro lado, foi uma decisão positiva não proclamar senão Jesus Cristo, e especialmente a sua cruz. Temos de enfrentar a mesma decisão hoje. É a escolha entre a sabedoria do mundo, que é loucura para Deus, e a loucura da cruz, que é a sabedoria de Deus.

O PODER DO ESPÍRITO

Alguns cristãos contemporâneos, ouvindo a confissão de fraqueza, medo e tremor de Paulo, sem dúvida o teriam repreendido. “Paulo”, talvez dissessem, “você não tem nenhum motivo para se sentir nervoso ou com medo. Controle-se! Você não sabe o que é ser cheio do Espírito? Você deve ser forte, confiante e ousado.”

Mas Paulo não tinha medo de admitir que tinha medo. Com toda certeza, ele tinha um intelecto poderoso e uma personalidade forte, e tinha dedicado esses poderes a Cristo. Mas ele também era fisicamente fraco e emocionalmente vulnerável. De acordo com a tradição, sua aparência era pouco atraente. Os seus críticos disseram que “ele pessoalmente não impressiona, e a sua palavra é desprezível”.³⁰ Portanto, ele não era grande coisa para se olhar ou ouvir. Além disso, algum tipo de doença (seu chamado “espinho na carne”³¹) parece ter afetado sua visão e até mesmo desfigurado seu rosto.³² E ele estava ciente da impopularidade do seu evangelho, da oposição que iria despertar em Corinto e, claro, do custo de se manter fiel a ele.

Em que, então, ele colocou a sua confiança? Isso nos é dito em 1 Coríntios 2.4-5. Sua confiança não estava em “palavras persuasivas de sabedoria” (NVI) ou em “argumentos persuasivos e astutos” (NVT). Isto é, ele não confiou nem na sabedoria nem na eloquência do mundo. Em vez da sabedoria do mundo, ele pregou Cristo e sua cruz (v. 1-2), e em vez da retórica do mundo, confiou na poderosa demonstração que o Espírito Santo dá à Palavra. Pois só o Espírito Santo pode convencer as pessoas de seus pecados e necessidades, abrir os olhos para ver a verdade do Cristo crucificado, dobrar suas vontades orgulhosas para se submeter a ele, libertá-las para crer nele e trazê-las para o novo nascimento. Esta é a poderosa demonstração que o Espírito Santo dá às palavras faladas na fraqueza humana.

Este tema do poder por meio da fraqueza é um elemento vital na correspondência de Paulo com os coríntios. Em ambas as cartas, o apóstolo enfatiza que é por meio da fraqueza humana que o poder divino opera melhor. Ele sugere que Deus deliberadamente faz e mantém o seu povo fraco, a fim de mostrar que o poder é dele.³³ Paulo ainda acrescenta que este princípio se aplica ao próprio Deus, pois é por meio de sua própria fraqueza na cruz que ele apresenta seu poder para salvar.

Em 1 Coríntios 1 e 2, o mesmo tema de poder por meio da fraqueza é repetido em três variações:

- Primeiro, temos uma mensagem fraca e louca – a mensagem de Cristo e a cruz (1.18-25).
- Segundo, ela é proclamada por pregadores fracos e loucos (2.1-5).
- Terceiro, ela é recebida por pessoas fracas e loucas (1.26-31).

Assim, Deus escolheu um instrumento fraco (Paulo) para trazer uma mensagem fraca (a cruz) para pessoas fracas (as classes trabalhadoras de Corinto). Por quê? Foi para “que ninguém se vanglorie diante dele” e para que “quem se gloriar, glorie-se no Senhor”.³⁴

Os primeiros cinco versículos de 1 Coríntios 2 são talvez a mais nobre e rica declaração sobre evangelismo no Novo Testamento. Eles nos dizem que o evangelho é a verdade de Deus sobre Cristo e sua cruz no poder do Espírito. Assim, o evangelho não é especulação humana, mas revelação divina; não é sabedoria popular, mas Cristo e sua cruz desprezada; não pelas pressões de propaganda ou personalidade, mas pelo Espírito Santo. O evangelho vem de Deus, foca em Cristo – o Cristo crucificado – e é autenticado pelo Espírito Santo. Este é o evangelismo trinitário do Novo Testamento.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Como poderíamos ser tentados a confiar na eloquência ou sabedoria humana em nosso evangelismo?
2. Não devemos confiar na eloquência ou na sabedoria humana, mas também não devemos ser enfadonhos ou irracionais. Qual é a maneira correta de abordar o anúncio da mensagem do evangelho?
3. Stott diz que as pessoas consideram que a mensagem do Cristo crucificado é (1) intelectualmente tola, (2) religiosamente exclusiva, (3) pessoalmente humilhante, (4) moralmente exigente e (5) politicamente subversiva. Pense em tempos em que você enfrentou hostilidade das

pessoas ao testemunhar sobre Jesus ou convidá-las para a igreja. Você pode relacionar tal hostilidade a uma dessas razões?

4. Escolha uma dessas reações ao Cristo crucificado. Como você poderia responder de uma maneira que enaltece a Cristo?
5. O que devemos fazer quando a evangelização nos enche de temor e tremor?
6. Deus escolheu um instrumento fraco (Paulo) para trazer uma mensagem fraca (a cruz) para pessoas fracas (as classes trabalhadoras de Corinto). Como Deus usa essas três fraquezas para mostrar sua graça e seu poder?

CAPÍTULO 4

A RELEVÂNCIA DA RESSURREIÇÃO

A MAIS ESCANDALOSA de todas as afirmações cristãs é a de que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos. Tal afirmação leva nossa credulidade ao limite. Os seres humanos têm usado toda a sua engenhosidade para desafiar ou negar a morte. Mas só Cristo afirmou tê-la conquistado – em sua própria experiência, ele a derrotou e a privou de seu poder sobre os outros. “Eu sou a ressurreição e a vida”, declarou ele. “Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente.”¹ Novamente: “Sou Aquele que Vive. Estive morto, mas agora estou vivo para todo o sempre! E tenho as chaves [ou seja, tenho autoridade sobre] da morte e do Hades.”²

Os primeiros cristãos já partilhavam desta confiança. Isto fica claro pela corajosa, e até mesmo alegre, disposição que tinham para morrer por Cristo e também pelas primeiras pregações dos apóstolos. Logo após o Pentecostes, Lucas nos diz que as autoridades e os líderes judeus em Jerusalém “estavam muito perturbados porque os apóstolos estavam [...] proclamando em Jesus a ressurreição dos mortos”.³ O cerne dos seus sermões segue o mesmo padrão: “Vocês [...] o mataram [...] Deus o ressuscitou dos mortos [...] e todos nós somos testemunhas”.⁴ E Paulo não se desviou disso,⁵ de modo que os filósofos atenienses, ouvindo-o no mercado, concluíram que ele estava defendendo duas divindades estrangeiras, porque eles ouviram suas repetidas referências a *Iêsous* (Jesus) e a *Anastasis* (a ressurreição).⁶ Quando Paulo veio para transmitir aos Coríntios um esboço do evangelho original

que ele próprio tinha recebido, concentrou-se, como algo de maior importância, sobre a morte, sepultamento, ressurreição e aparições de Jesus.⁷ Os primeiros seguidores de Jesus parecem ter tido tanto clareza quanto confiança sobre a ressurreição de Cristo.

Três questões principais são levantadas pela afirmação de que Jesus ressuscitou (ou foi ressuscitado) dentre os mortos. Primeiro, o que significa (uma questão de semântica)? Segundo, realmente aconteceu (uma questão de história)? Terceiro, é importante (uma questão de relevância)?

O QUE SIGNIFICA A RESSURREIÇÃO?

Antes de decidirmos se a ressurreição de Jesus foi um evento histórico real, precisamos ter certeza de que concordamos com o que se entende por “ressurreição”. David Jenkins, ex-bispo de Durham, por exemplo, afirmou crer na ressurreição. “Eu creio na ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos”, disse ele ao seu Sínodo Diocesano. “Qualquer um que diz que eu não creio na ressurreição [...] é um mentiroso.” Mas o que ele entendia pela ressurreição era muito diferente do entendimento do Novo Testamento. Pois o doutor Jenkins não acreditava que a ressurreição envolvia a transformação do corpo de Jesus. Na verdade, ele fez uma caricatura dessa visão como sendo “um truque de mágica com ossos”.

O que significa, no Credo, a ressurreição de Jesus Cristo? Como devemos pensar no Senhor ressuscitado? Pode ser útil se esclarecermos o que não cremos, antes de afirmarmos o que cremos.

Em primeiro lugar, o Senhor ressuscitado não é apenas uma *influência sobrevivente*. Não devemos pensar nele como tendo meramente sobrevivido à morte, como um fantasma. Ele mesmo disse: “Vejam as minhas mãos e os

meus pés. Sou eu mesmo! Toquem-me e vejam; um espírito não tem carne nem ossos, como vocês estão vendo que eu tenho”.⁸ Nem a ressurreição significa a mera sobrevivência de uma influência. Muitos líderes, que durante sua vida capturaram o coração de seus contemporâneos, vivem após a morte no sentido de que a memória de seu exemplo é uma inspiração contínua.

Isso foi certamente verdade com Che Guevara. Ele contava com um número extraordinário de seguidores. Sartre uma vez o descreveu como “o homem mais completo na sua idade”. Em seus trinta e nove anos (antes de ser morto na selva), tinha sido médico, autor, economista, banqueiro, teórico político e guerrilheiro. Tornou-se uma lenda durante sua vida, um herói folclórico. Em cada sala de aula cubana as crianças cantavam: “Seremos como Che”. E, depois da morte, sua influência tornou-se ainda maior. Ele proporcionou aos marxistas a imagem de um santo secular e mártir. Durante anos, as paredes dos edifícios estudantis latino-americanos foram marcadas com as palavras “Che vive!”.⁹

O mesmo aconteceu quando morreu o arcebispo Makarios, de Chipre, em agosto de 1977. Os seus seguidores pintaram edifícios públicos com as palavras “Makarios vive!”.

É isso que os cristãos querem dizer quando dizem que “Jesus vive”? Algumas pessoas parecem estar dizendo pouco mais do que isso, ou seja, que Jesus continua a exercer o seu poder e espalhar o seu amor no mundo. Outros estão afirmando algum tipo de existência pessoal e contínua para Jesus, de modo que “ele caminha comigo e fala comigo ao longo do caminho estreito da vida”. No entanto, a grande afirmação do Novo Testamento não é “ele vive”, mas “ele ressuscitou”. A ressurreição se torna uma experiência para nós apenas porque antes foi um acontecimento que realmente introduziu uma nova ordem de realidade.

Em segundo lugar, o Senhor ressuscitado não é um *cadáver ressuscitado*. “Ressuscitar” pode significar reviver um paciente que estava em coma ou, ainda, trazer de volta à vida alguém que já havia sido declarado clinicamente morto. Neste segundo sentido, Jesus realizou três ressuscitações durante seu ministério público. Ele “levantou da morte” (ou seja, restaurou para esta vida) a filha de Jairo, o filho da viúva de Naim e Lázaro. Cada um destes três estava morto, mas foi trazido de volta a esta vida por Jesus. Pode-se entender a simpatia que C. S. Lewis expressou por Lázaro: “Ser trazido de volta e ter de passar pela morte de novo foi bastante difícil”.¹⁰

Mas a própria ressurreição de Jesus não foi uma ressuscitação em qualquer desses sentidos. Por um lado, ele não foi revivido de um desmaio ou coma, pois estava morto havia cerca de trinta e seis horas. Por outro lado, ele não foi trazido de volta a esta vida com a necessidade de morrer novamente. No entanto, popularmente se supões que isso é o que os cristãos acreditam sobre “ressurreição”, ou seja, que o corpo é milagrosamente reconstituído a partir das partículas idênticas de que é composto no presente, e que, em seguida, retoma esta vida vulnerável e mortal. Mas não, Jesus foi elevado a um novo plano de existência, no qual ele agora não era mais mortal, mas “vivo para todo o sempre”.¹¹ Quaisquer que sejam as noções populares que algumas pessoas possam ter tido, a fé professada pela Igreja nunca viu o Senhor ressuscitado nem como uma influência fantasmagórica etérea nem como um cadáver ressuscitado.

Terceiro, o Senhor ressuscitado não é uma *fé reavivada* na experiência de seus discípulos. Esta foi a reconstrução “desmistificada” de Rudolf Bultmann, estudioso do Novo Testamento. Ele começou declarando que a ressurreição de Jesus foi “obviamente [...] não um acontecimento da história passada”. Por que isso era tão claro para ele? Porque “um fato histórico que envolve uma ressurreição dos mortos é totalmente inconcebível”. Mas, uma

vez que a Igreja em todas as idades parece ter tido pouca dificuldade em conceber o que Bultmann pronunciou inconcebível, qual era o seu problema? Estava na “incredibilidade de um acontecimento mítico como a ressuscitação de um cadáver – pois isso é o que a ressurreição significa”. O que é verdadeiramente incrível, no entanto, não é a ressurreição de Jesus, mas a incompreensão de Bultmann que a confundiu com uma ressuscitação.

Como então Bultmann interpretou o “mito” da ressurreição de Jesus? Da seguinte maneira: “Se o evento do Dia da Páscoa é, em algum sentido, um evento histórico adicional ao evento da cruz, não é nada mais do que o crescimento da fé no Senhor ressuscitado [...] Tudo o que a crítica histórica pode estabelecer é o fato de que os primeiros discípulos vieram a crer na ressurreição”. Em outras palavras, a Páscoa não foi um acontecimento, mas uma experiência; não a ressurreição objetiva e histórica de Jesus dentre os mortos, mas uma recuperação subjetiva e pessoal da fé no coração e na mente de seus seguidores.¹²

Quarto, o Senhor ressuscitado não é apenas uma *personalidade expandida*. Isso parece expressar o que David Jenkins acredita. Ele escreveu: “A ressurreição significa que Deus agiu para estabelecer Jesus em sua pessoa, em suas realizações e em seu efeito contínuo”.¹³ Declarando sua convicção de que Jesus “ressuscitou dos mortos”, ele explicou isso dizendo que “a vida, o poder, o propósito e a personalidade que havia nele realmente continuavam [...] na esfera da história, de modo que ele era uma presença e possibilidade ressuscitada e viva”.¹⁴ Em outro lugar, Jenkins falou da ressurreição como uma “explosão” da personalidade de Jesus. Assim, a ressurreição foi uma espécie de acontecimento, mesmo que não envolvesse o seu corpo. O doutor Jenkins acredita no Jesus “ressuscitado” e “vivo”, embora sua personalidade não esteja agora em um corpo (exceto na Igreja).

Quinto, o Senhor ressuscitado não é meramente *uma experiência viva do Espírito*. Em seu livro *A Estrutura da Crença na Ressurreição*, Peter Carnley, ex-arcebispo anglicano de Perth, Austrália Ocidental, diz que devemos pensar na ressurreição como uma experiência presente, em vez de um evento passado. Devemos pensar nisso como uma experiência do Espírito. Em seu capítulo de abertura, ele deixa clara sua postura cética. Ele afirma que Paulo em nenhum lugar faz alusão ao túmulo vazio, mesmo em 1 Coríntios 15.3-8, e que as chamadas aparições não eram objetivas. Ele argumenta que o termo *ōphthē* (“ele apareceu”) não significa tanto uma percepção através da visão (uma aparência visível), mas sim a recepção de uma nova revelação (uma apreensão intelectual) – ou, no máximo, uma mistura dos dois, com ênfase no segundo.¹⁵

Em seguida, há três longos capítulos em que o arcebispo Carnley insiste que não houve, de fato, nenhum evento pós-morte. O verdadeiro evento da Páscoa foi a vinda dos discípulos à fé.¹⁶ Consequentemente, a partir do capítulo 5, ele se refere não mais à “ressurreição” (um evento), mas “ao Cristo ressurreto” (uma experiência). Pois a fé pascal “envolve uma experiência pós-morte de encontro com o Cristo ressuscitado”, que é conhecido como o Espírito.¹⁷ E a maneira pela qual chegamos a reconhecer o verdadeiro Espírito de Jesus é que ele continua a manifestar na comunhão cristã o mesmo amor autodoador que ele demonstrou na cruz.¹⁸ Mas, por mais engenhosa que seja esta reconstrução, ela não faz justiça aos dados do Novo Testamento, como veremos.

Sexto, e em contraste com as cinco propostas anteriores, o Senhor ressuscitado é *uma pessoa transformada*. A evidência apresentada nos Evangelhos é de que Jesus é a mesma pessoa com a mesma identidade antes e depois da ressurreição. “Sou eu mesmo!”, diz ele em Lucas 24.39. Mas a ressurreição lhe deu um corpo transformado, transfigurado, glorificado. A

ressurreição foi um ato dramático de Deus pelo qual ele parou o processo natural de decadência e decomposição,¹⁹ resgatou Jesus do reino da morte e transformou seu corpo em um novo veículo para sua personalidade, dotado de novos poderes e possuidor de imortalidade.

Crença na ressurreição significa crença na ressurreição do corpo. Esta é a mensagem de 1 Coríntios 15. Este grande capítulo tem duas partes: a primeira trata do fato da ressurreição (v. 1-34), e a segunda, da natureza da ressurreição (v. 35-58). Na primeira parte, as aparições de ressurreição de Jesus parecem ser físicas, mas na segunda parte, é dito que “é semeado um corpo natural” (ou “corpo material”, NTLH) e “ressuscita um corpo espiritual” (v. 44). Como, então, devemos harmonizar as duas metades de 1 Coríntios 15 entre si? Alguns estudiosos se aproveitam da expressão “um corpo espiritual” e insistem que as aparições de ressurreição dos versículos 5-8 devem ser entendidas à luz deste termo. Mas à luz do Novo Testamento como um todo, devemos abordar a questão ao contrário. Em outras palavras, a natureza do corpo espiritual deve ser interpretada de uma forma que não contradiga a evidência de que o Jesus ressuscitado tinha um corpo físico. Esta evidência para isso é encontrada não só nos Evangelhos, nas narrativas do túmulo vazio, mas também nos primeiros sermões de Pedro e nos primeiros versículos de 1 Coríntios 15. Vou me focar neste último.

Na declaração de Paulo sobre o evangelho, que ele afirma ser tanto o evangelho original (“o que recebi”, v. 3) quanto o evangelho universal (“é nisso que vocês creram”, v. 11), ele fez quatro afirmações, a saber, “que Cristo morreu [...] foi sepultado [...] ressuscitou no terceiro dia [...] e apareceu”. Dois aspectos da ressurreição de Jesus são claros a partir disso.

Primeiro, foi um *evento histórico objetivo*. De fato, era possível datar: aconteceu “no terceiro dia”. David Jenkins disse que era “não um evento, mas uma série de experiências”. Mas não, pois tornou-se uma série de

experiências apenas porque primeiramente foi um evento. As palavras “no terceiro dia” testemunham a historicidade da ressurreição de Jesus, tanto quanto as palavras “sob Pôncio Pilatos”, no Credo Apostólico, testemunham a historicidade de seu sofrimento e morte.

Segundo, a ressurreição foi *um evento físico*. Envolveu seu corpo. Os quatro verbos (morreu, foi sepultado, ressuscitou e apareceu) têm todos o mesmo sujeito, ou seja, “Cristo”, como pessoa histórica, física. Isto é inquestionável no caso dos dois primeiros. Foi seu corpo que morreu e seu corpo que foi sepultado. Naturalmente se pressupõe, então, que o mesmo Cristo histórico e físico é também o sujeito do terceiro e do quarto verbos, ou seja, que ele ressuscitou e, em seguida, apareceu. Seria necessário um alto grau de ginástica mental para afirmar que, sem aviso, o sujeito muda no meio da frase, ou que, embora seu corpo tenha morrido e sido sepultado, apenas sua personalidade foi ressuscitada e vista, de modo que ele foi ressuscitado enquanto ainda permanecia sepultado. Não, já que foi o corpo dele que foi enterrado, deve ter sido o corpo dele que foi ressuscitado. Isso provavelmente explica a menção de seu sepultamento em alguns dos primeiros sermões apostólicos.²⁰ É inteiramente gratuito, à luz disso, sustentar que o apóstolo Paulo ignorava o túmulo vazio.

É verdade que, quando o corpo morto e sepultado de Jesus “ressuscitou”, sofreu mudanças no processo. Não estamos considerando nem uma ressuscitação (ele foi ressuscitado corporalmente, mas não mudou), nem uma sobrevivência (ele foi transformado em um fantasma, mas não ressuscitou corporalmente), mas sim uma ressurreição (ele ressuscitou e foi transformado, simultaneamente).

A RESSURREIÇÃO REALMENTE ACONTECEU?

Vamos considerar que os apóstolos, incluindo Paulo, acreditavam mesmo que a ressurreição e a transformação de Jesus foram literais, datáveis e físicas. Eles estavam certos? Podemos nós, que vivemos no sofisticado mundo contemporâneo da astrofísica, microbiologia e ciência da computação, também acreditar na ressurreição? Sim, podemos e devemos. Muitos milhões creem nela.

Vários livros foram escritos para organizar as evidências da ressurreição.²¹ Esta é uma parte importante da apologética cristã. Tudo o que posso aqui é tentar fazer um resumo simples das principais linhas de evidência.

Primeiro, há o *desaparecimento do corpo*. Todos concordam que o túmulo de José estava vazio, mesmo aqueles que negam as histórias dos escritores do Evangelho. Os rumores de ressurreição nunca poderiam ter ganhado credibilidade se as pessoas pudessem ter visitado o túmulo e encontrado o corpo ainda deitado ali. Logo, o corpo tinha sumido. A pergunta sempre foi: “O que aconteceu com ele?”. Nenhuma explicação satisfatória foi dada para o seu desaparecimento, a não ser a ressurreição.

Não podemos aceitar que Jesus apenas desmaiou na cruz, reviveu quando estava no túmulo e, então, saiu dali por conta própria. De um lado, tanto o centurião como Pilatos asseguraram-se de que Jesus estava morto. Por outro, quando ele realmente ressurgiu, deu às pessoas a impressão de ter vencido a morte, e não de que ele quase tinha sido vencido por ela e agora era um homem gravemente doente, precisando de tratamento hospitalar.

Então, será que as autoridades (romanas ou judaicas) deliberadamente removeram o corpo, a fim de evitar que os discípulos espalhassem o rumor de que Jesus havia ressuscitado? É difícil acreditar nisso, já que, quando os apóstolos começaram a proclamar Jesus e a ressurreição,²² as autoridades

poderiam ter imediatamente aniquilado o novo movimento apresentando o corpo, em vez de recorrerem à violência.

Neste caso, será que os discípulos roubaram o corpo como parte de uma farsa, a fim de levar as pessoas a pensarem que Jesus tinha ressuscitado? Essa é uma teoria impossível, pois eles estavam preparados para sofrer e morrer pelo evangelho, e as pessoas não estão dispostas a se tornarem mártires por uma mentira que eles próprios criaram.

Nenhuma explicação do túmulo vazio se sustenta, exceto a de que Deus ressuscitou Jesus dos mortos.

Segundo, há *o reaparecimento do Senhor*. Não só o corpo de Jesus desapareceu do túmulo, mas Jesus continuou *reaparecendo* durante um período de quase seis semanas. Diz-se que ele se mostrou a certos indivíduos (como Maria Madalena, Pedro e Tiago), aos Doze, com e sem a presença de Tomé, e em uma ocasião “a mais de quinhentos irmãos de uma só vez”, muitos dos quais ainda estavam vivos quando Paulo escreveu sobre isso em cerca do ano 54²³ e poderiam, portanto, ser ouvidos a respeito.

Essas aparições da ressurreição não podem ser descartadas como invenções, uma vez que não há dúvida alguma de que os apóstolos realmente acreditavam que Jesus havia ressuscitado. As histórias não tinham sido inventadas. Mas também não eram alucinações. Os rudes pescadores como Pedro, Tiago e João não têm o tipo de personalidade que poderia ser suscetível a tais sintomas de desordem mental. Além disso, a variedade de tempos, lugares, humores e pessoas em relação às aparições, juntamente com a reação inicial de incredulidade das pessoas, tornam insustentável a teoria do pensamento ilusório. A única alternativa a invenções e alucinações são as aparições válidas e objetivas.

Terceiro, há *o surgimento da Igreja*. Algo aconteceu para mudar os apóstolos e enviá-los em sua missão para o mundo. Quando Jesus morreu,

eles ficaram com o coração partido, estavam confusos e assustados. Mas em menos de dois meses eles saíram do esconderijo, cheios de alegria, confiança e coragem. O que pode explicar esta transformação dramática? Apenas a ressurreição, juntamente com o Pentecostes, que veio logo depois. Daquele bando de pessoas insignificantes e desiludidas cresceu uma comunidade universal que representa um terço da população mundial. Seria preciso muita credulidade, ou mesmo cinismo, para acreditar que todo o edifício cristão tinha sido construído sobre a mentira de uma ressurreição que nunca aconteceu.

O desaparecimento do corpo, o reaparecimento do Senhor e o surgimento da Igreja juntos constituem um fundamento sólido para crer na ressurreição.

POR QUE A RESSURREIÇÃO É IMPORTANTE?

O que temos de perguntar sobre a ressurreição não é apenas se aconteceu ou não, mas também se realmente importa que tenha acontecido. Pois se isso aconteceu, aconteceu há 2 mil anos. Como pode um evento que ocorreu há tanto tempo ter alguma grande importância para nós hoje? Por que os cristãos fazem tanto estardalhaço sobre isso? Isso não é irrelevante? Não, eu acredito que a ressurreição repercute na nossa condição humana. Ela fala às nossas necessidades como nenhum outro evento distante consegue. É o pilar da certeza cristã.

Primeiro, a ressurreição de Jesus nos assegura do *perdão de Deus*. Já vimos que o perdão é uma das nossas necessidades mais básicas e um dos melhores presentes de Deus. O chefe de um grande hospital psiquiátrico inglês foi citado como tendo dito: “Eu poderia dar alta para metade dos meus pacientes amanhã se eles pudessem ter certeza do perdão”.²⁴ Todos nós

temos um ou dois esqueletos em algum armário escuro, memórias de coisas das quais, em nossos melhores momentos, ficamos profundamente envergonhados. Nossa consciência nos incomoda, condena, atormenta.

Várias vezes durante seu ministério público, Jesus falou palavras de perdão e paz. No Cenáculo, ele descreveu o cálice da comunhão como seu “sangue da aliança [...] derramado em favor de muitos, para perdão dos pecados”.²⁵ Assim, ele ligou o nosso perdão com a sua morte. E uma vez que, ao longo das Escrituras, a morte sempre está presa ao pecado como sua justa consequência (“o salário do pecado é a morte”),²⁶ o que ele quis dizer só pode ser que estava indo morrer a morte que nós merecíamos, morrer em nosso lugar, a fim de que pudéssemos ser poupados e perdoados.

Foi isso o que ele disse. Mas como podemos saber que ele estava certo, que ele conseguiu com sua morte o que disse que iria conseguir? Como podemos saber que Deus aceitou sua morte em nosso lugar como um sacrifício completo, perfeito e suficiente, como oblação e satisfação pelos pecados do mundo inteiro (como o Livro de Oração Comum coloca)? A resposta é que, se ele tivesse permanecido morto, se ele não tivesse ressuscitado dos mortos de forma visível e pública, nós nunca teríamos sabido. De fato, sem a ressurreição teríamos de concluir que a morte de Cristo foi um fracasso. O apóstolo Paulo viu claramente esta lógica: “Se Cristo não ressuscitou, é inútil a nossa pregação, como também é inútil a fé que vocês têm. E, se Cristo não ressuscitou, inútil é a fé que vocês têm, e ainda estão em seus pecados. Neste caso, também os que dormiram em Cristo estão perdidos”.²⁷ Seriam várias e terríveis as consequências da não ressurreição: os apóstolos são falsas testemunhas, os crentes não têm perdão e os cristãos mortos pereceram. Mas, de fato, Paulo continuou, Cristo ressuscitou dentre os mortos. E tendo ressuscitado, Deus nos assegurou que aprova a morte de Cristo carregando os nossos pecados, que ele não morreu

em vão e que aqueles que confiam nele recebem um perdão pleno e gratuito. A ressurreição valida a cruz.

Segundo, a ressurreição de Jesus nos assegura do *poder de Deus*. Pois nós precisamos do poder de Deus no presente, bem como do seu perdão do passado. Deus é realmente capaz de mudar a natureza humana, que parece ser tão intratável? Ele pode realmente transformar pessoas cruéis em gentis, pessoas egoístas em altruístas, pessoas imorais em autocontroladas e pessoas amargas em doces? Ele é capaz de pegar as pessoas que estão espiritualmente mortas para fazê-las vivas em Cristo? Sim, ele é capaz de tudo isso! Ele pode dar vida aos mortos espirituais e nos transformar à semelhança de Cristo.

Mas estas são afirmações fortes. Podem ser fundamentadas? Só por causa da ressurreição. Paulo ora para que os olhos do nosso coração possam ser iluminados, para que possamos conhecer “a incomparável grandeza do seu poder para conosco”. Para nos ajudar a compreender a medida desse poder, Deus não apenas nos dá uma iluminação interior pelo seu Espírito, mas também já nos deu uma demonstração externa, pública e objetiva dele na ressurreição. Pois o poder disponível para nós hoje é o próprio poder que “ele exerceu em Cristo, ressuscitando-o dos mortos”.²⁸ Desta forma, a ressurreição é retratada como a evidência suprema na história do poder criador de Deus.

Estamos sempre em perigo de banalizar o evangelho, de minimizar o que Deus é capaz de fazer por nós e em nós. Falamos de tornar-se um cristão como se não fosse mais do que virar uma nova página, fazendo alguns ajustes superficiais aos nossos padrões habituais de comportamento e tornando-nos um pouco mais religiosos. Então, basta arranhar a superfície, rachar o verniz, e eis que por baixo continuamos os mesmos pagãos de sempre, não redimidos e sem mudança alguma. Mas não, de acordo com o

Novo Testamento, tornar-se e ser um cristão é algo muito mais radical do que isso. É um ato decisivo de Deus. Não é nada menos que uma ressurreição da morte da alienação e do egocentrismo, e o começo de uma vida nova e libertada. Em uma palavra, o mesmo Deus do poder sobrenatural que ressuscitou Jesus da morte física pode nos ressuscitar da morte espiritual. E sabemos que ele pode *nos* ressuscitar porque sabemos que ele *o* ressuscitou.

Terceiro, a ressurreição de Jesus nos assegura do *triunfo final de Deus*. Uma das maiores diferenças entre as religiões e as ideologias do mundo está na sua visão do futuro. Alguns não oferecem esperança, mas afundam-se no desespero existencial. Bertrand Russell, quando ainda jovem nos seus trinta anos, expressou sua convicção de que

nenhum fogo, nenhum heroísmo, nenhuma intensidade de pensamento e sentimento pode preservar uma vida individual além da sepultura; que todos os trabalhos das eras, toda a devoção, toda a inspiração, todo o brilho do meio-dia do gênio humano estão destinados à extinção na vasta morte do sistema solar, e que todo o templo da realização do homem deve inevitavelmente ser enterrado sob os escombros de um universo em ruínas.²⁹

Outros pensam na história mais em termos circulares do que em termos lineares, como um ciclo interminável de reencarnações, sem libertação, mas com a inexistência do nirvana. Os marxistas continuam a prometer utopia na terra, mas a visão perdeu credibilidade. Humanistas seculares sonham em assumir o controle de sua própria evolução. Mas na medida em que isso envolve manipulação genética, o sonho degenera em um pesadelo.

Os cristãos, por outro lado, estão confiantes sobre o futuro, e nossa “esperança” cristã (que é uma expectativa certa) é tanto individual quanto cósmica. Individualmente, à parte de Cristo, o medo da morte pessoal e da dissolução é quase universal. O comediante e cineasta Woody Allen tipifica este terror. Parece ser uma obsessão para ele. É verdade, ele ainda pode brincar sobre isso. “Não é que eu tenha medo de morrer”, ele uma vez brincou; “eu só não quero estar lá quando isso acontecer.”³⁰ Mas na maioria das vezes ele estava mesmo com medo. Em um artigo na revista *Esquire*, ele disse: “O que está por trás de *toda* motivação e de *toda* atividade é a luta constante contra a aniquilação e contra a morte. É algo absolutamente estonteante em seu terror, e torna as realizações de qualquer um sem sentido”.³¹

Jesus Cristo, no entanto, resgata seus discípulos desse horror. Não só sobreviveremos à morte como seremos ressuscitados dela. Devemos receber um novo corpo, como o corpo ressurreto de Cristo,³² com poderes novos e nem sonhados.³³ Pois ele é chamado tanto de “primícias entre aqueles que dormiram”³⁴ como de “primogênito dentre os mortos”.³⁵ Ambas as metáforas dão a mesma certeza. Ele foi o primeiro a se levantar; todo o seu povo o seguirá. Teremos um corpo como o seu. “Assim como tivemos a imagem do homem terreno [Adão], teremos também a imagem do homem celestial [Cristo].”³⁶

Nossa esperança para o futuro, no entanto, também é cósmica. Acreditamos que Jesus Cristo vai voltar em glória espetacular para trazer a história ao seu cumprimento na eternidade. Ele não só ressuscitará os mortos, mas também regenerará o universo.³⁷ Ele fará novas todas as coisas.³⁸ Toda a criação será libertada de sua atual condição de escrava da decadência e da morte. Os gemidos da natureza são as dores de parto que prometem o nascimento de um novo mundo.³⁹ Haverá um novo céu e uma

nova terra, que será o lar da justiça.⁴⁰ Assim, a esperança viva do Novo Testamento é incrivelmente “material” para o indivíduo e para o cosmos. Ao crente individual é prometida não apenas a sobrevivência, nem mesmo a imortalidade, mas um corpo ressuscitado e transformado. E o destino do cosmos não é um céu etéreo, mas um universo recriado.

Há alguma evidência, no entanto, para esta afirmação surpreendente de que tanto nós como o nosso mundo seremos totalmente renovados? Sim, a ressurreição de Jesus é a base de ambas as expectativas. Ela fornece evidência sólida, visível, tangível e pública do propósito de Deus para completar o que ele começou, para redimir a natureza, para nos dar um novo corpo em um novo mundo. Como Pedro expressou, Deus “nos regenerou para uma esperança viva, por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos”.⁴¹ Porque a ressurreição de Jesus foi o princípio da nova criação de Deus. Não é suficiente acreditar que a personalidade, a presença e o poder de Jesus continuam vivos. Precisamos saber que seu corpo foi ressuscitado. Pois a ressurreição do corpo de Jesus foi a primeira peça da ordem material a ser redimida e transfigurada. É a promessa divina de que, um dia, todo o restante será redimido e transfigurado.⁴²

Assim, a ressurreição de Jesus nos assegura do perdão, do poder e do triunfo de Deus. Ela nos capacita a:

- enfrentar o nosso passado (por mais que tenhamos motivos para nos envergonhar dele), confiantes no perdão de Deus por meio daquele que morreu pelos nossos pecados e foi ressuscitado;
- enfrentar o nosso presente (por mais fortes que sejam as nossas tentações ou pesadas as nossas responsabilidades), confiantes na suficiência do poder de Deus;

- enfrentar o nosso futuro (por mais incerto que ele seja), confiantes no triunfo final de Deus, do qual a ressurreição é a garantia.

A ressurreição, justamente por ter sido um ato decisivo, público e visível de Deus na ordem material, traz-nos uma certeza firme num mundo cheio de insegurança.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Qual é a diferença entre um cadáver ressuscitado e um corpo ressurreto? Que diferença faz isso para a nossa esperança?
2. Qual você considera ser o apelo de reduzir a ressurreição a uma influência sobrevivente, um cadáver ressuscitado, uma fé revivida, uma personalidade expandida ou uma experiência viva?
3. Qual é o problema com essas abordagens?
4. Que processo ou fatores o levaram a crer na ressurreição física de Jesus (se você crê nela)? Como sua resposta pode ajudá-lo a responder a amigos céticos?
5. Quando você poderia usar a verdade da ressurreição para oferecer conforto em uma situação pastoral?
6. Stott diz: “Nossa esperança para o futuro [...] é também cósmica”. Que diferença no dia a dia deve fazer esta esperança cósmica?

CAPÍTULO 5

JESUS CRISTO É O SENHOR

O EVANGELHO APOSTÓLICO foi além do fato e significado da cruz e da ressurreição, apontando o propósito destes: “Foi precisamente para esse fim que Cristo morreu e tornou a viver: para ser Senhor tanto de mortos como de vivos”.¹

Sabe-se que o mais antigo, mais curto e mais simples de todos os credos cristãos foi a afirmação de que “Jesus é o Senhor”. Aqueles que reconheceram seu senhorio foram batizados e recebidos na comunidade cristã. Por um lado, era reconhecido, como Paulo escreveu, que, se “com a boca você confessar Jesus como Senhor e em seu coração crer que Deus o ressuscitou dentre os mortos, você será salvo”² e, por outro lado, que “ninguém pode dizer: ‘Senhor Jesus!’, senão pelo Espírito Santo”.³

À primeira vista pode parecer extraordinário que duas palavras gregas, *Kyrios Iêsous* ou “Senhor Jesus” (pois não há verbo de conexão em nenhum dos dois versículos citados no parágrafo anterior) pudessem ser uma base satisfatória para identificar e acolher alguém como um cristão genuíno. Será que essas palavras não são totalmente inadequadas? Não seria esse o pior do reducionismo teológico?

A resposta a estas perguntas é “não”. Pois as duas palavras em questão, que soam como uma confissão cristã minimalista, estão impregnadas de significado. Elas têm implicações enormes tanto para a fé cristã quanto para a vida cristã. Em particular, exprimem uma profunda convicção teológica a respeito do Jesus histórico e, em consequência, um compromisso pessoal

radical com ele. Esta convicção e este compromisso são os temas deste capítulo.

CONVICÇÃO TEOLÓGICA

Talvez a melhor maneira de investigar as conotações doutrinárias de chamar Jesus de “Senhor” seja dar uma nova olhada em Filipenses 2.9-11. Esses versos formam o clímax do que às vezes é chamado de *Carmen Christi*, “o cântico de Cristo”. Paulo provavelmente esteja citando um hino cristão sobre Cristo. Assim, ele dá a este hino o seu selo apostólico de aprovação. Ele afirma que Cristo, embora tenha compartilhado a natureza de Deus e gozado de igualdade com ele, esvaziou-se de sua glória e se humilhou para servir, tornando-se obediente até a morte numa cruz (v. 6-8). E então Paulo continua:

Por isso também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai. (v. 9-11)

Como um hino cristão, usado pela Igreja e endossado pelo apóstolo, essas palavras indicam o que os primeiros cristãos pensavam de Jesus. Três pontos se destacam.

Primeiro, *Paulo deu a Jesus um título divino*. Isto é, Paulo se referiu a Jesus como “Senhor”. É verdade, claro, que *kyrios* foi usado com significados diferentes em contextos diferentes. Às vezes, significava simplesmente “senhor”, como quando Maria Madalena pensou que o Jesus ressuscitado era

o jardineiro⁴ ou quando os sacerdotes pediram a Pilatos que houvesse segurança no túmulo.⁵ Mas, quando os discípulos de Jesus usavam o termo para se referir a ele, *kyrios* era mais do que uma forma educada de se dirigir a alguém. Era um título, como quando o chamavam de “o Senhor Jesus” ou “o Senhor Jesus Cristo”. Este significado fica claro quando se tem o Antigo Testamento como pano de fundo.

Quando o Antigo Testamento veio a ser traduzido para o grego em Alexandria, por volta de 200 antes de Cristo, os estudiosos judeus piedosos não sabiam como lidar com o nome sagrado Yahweh ou Jeová. Eles tinham muitas reservas para pronunciá-lo; também não se sentiram livres para traduzir ou mesmo para transliterar. Então substituíram o nome pela paráfrase *ho kyrios* (“o Senhor”), e é por isso que “Yahweh” ainda aparece na maioria das traduções bíblicas como “o Senhor”.

O que é ainda mais surpreendente é que os seguidores de Jesus – sabendo que nos círculos judaicos *ho kyrios* era o título tradicional para Yahweh, Criador do Universo e Deus da aliança com Israel – ainda assim optaram por aplicar o mesmo título a Jesus. Eles não viram anomalia alguma nisso, mesmo que fosse o equivalente a dizer que “Jesus é Deus”.

Segundo, *Paulo aplicou a Jesus um texto divino*. Em Isaías 45.23, Yahweh tinha dito de si mesmo:

Por mim mesmo eu jurei,
a minha boca pronunciou com toda a integridade
uma palavra que não será revogada:
Diante de mim todo joelho se dobrará;
junto a mim toda língua jurará.

Agora Paulo, ou o escritor do hino que ele está citando, tem a audácia de citar esse texto de Isaías e reaplicá-lo a Jesus. A implicação é inevitável. A honra que o profeta disse ser devida a Yahweh, diz o apóstolo, é devida a Cristo. E essa honra é universal, envolvendo “todo joelho” e “toda língua”.

Um exemplo semelhante é o uso de Joel 2.32 no Novo Testamento. O profeta tinha escrito que “todo aquele que invocar o nome do Senhor [Deus] será salvo”. No Dia de Pentecostes, no entanto, Pedro reaplicou esta promessa a Jesus, exortando os seus ouvintes a que cressem em Jesus e fossem batizados em seu nome.⁶ Da mesma forma, Paulo escreveu mais tarde que o Senhor Jesus “é Senhor de todos e abençoa ricamente todos os que o invocam, porque ‘todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo’”.⁷ Assim, o poder salvador de Yahweh para Israel tornou-se o poder salvador de Jesus para os crentes, judeus e gentios.

Terceiro, *Paulo exigiu para Jesus uma adoração divina*. Paulo diz que cada joelho se curvará diante de Jesus em adoração. A oração é regularmente dirigida a Jesus no Novo Testamento, especialmente quando Paulo coloca “Deus Pai” e o “Senhor Jesus Cristo” como sendo, juntos, a fonte da graça e o objeto da oração.⁸ Assume-se no Novo Testamento que a graça flui de Cristo e que a adoração é devida a ele. De fato, a cristolatria (a adoração de Cristo) precedeu a cristologia (a doutrina desenvolvida de Cristo). Mas a cristolatria não passa de idolatria se Cristo não é Deus. Atanásio viu isso claramente no quarto século. Ele enfrentou a heresia do arianismo, que alegava que Cristo era apenas um ser criado. Uma das maneiras que Atanásio usou para combater isso foi apontar para a prática havia muito estabelecida de adorar a Jesus.

Aqui, então, estão três dados importantes contidos no hino cristão que Paulo estava citando. Os primeiros cristãos deram a Jesus um título divino (“Senhor”), aplicaram a ele textos divinos (sobre a salvação que ele concede

e a honra que ele merece) e ofereceram-lhe adoração divina (o joelho curvado). Estes fatos são incontestáveis, e são ainda mais impressionantes por serem naturais e quase casuais.

É também significativo que os escritores do Novo Testamento não discutiram se era justo fazer essa ousada identificação de que Jesus é Deus, pois não havia necessidade de fazê-lo. Paulo defendeu ferozmente o evangelho da justificação pela graça por meio da fé porque estava sendo desafiado. Mas ele não debateu o senhorio divino de Jesus, o que deve significar que isso não estava sendo contestado. Então, poucos anos após a morte e a ressurreição de Jesus, sua divindade fazia parte da fé universal da Igreja.

A confissão de que “Jesus é o Senhor” tem uma segunda inferência teológica, ou seja, que ele é Salvador e Deus. Em alguns círculos evangélicos, há uma tradição de distinguir claramente entre o Jesus Salvador e o Jesus Senhor, e até mesmo de sugerir que a conversão envolve confiar nele como Salvador, sem necessariamente se render a ele como Senhor. O motivo por trás deste ensinamento é bom, ou seja, para salvaguardar a verdade da justificação apenas pela fé e não introduzir a autossalvação pela porta dos fundos. No entanto, esta posição é biblicamente indefensável. Não apenas Jesus é nosso “Senhor e Salvador”, único e indivisível, mas também seu senhorio implica sua salvação e realmente anuncia isso. Ou seja, seu título de Senhor é um símbolo de sua vitória sobre todas as forças do mal, que foram colocadas sob seus pés. A própria possibilidade da nossa salvação se deve a esta vitória. É exatamente por ser Senhor que ele é também capaz de ser Salvador. Não pode haver salvação sem senhorio.² As duas afirmações: “Jesus é o Senhor” e “Jesus salva” são praticamente sinônimas.

COMPROMISSO RADICAL

A palavra *kyrios* ou “Senhor” poderia ser usada, como vimos, como não mais do que uma respeitosa forma de se dirigir a alguém. Mas era um termo mais comumente usado para os donos de terra, de propriedades ou de escravos. A posse implicava o controle total e o direito de ter à disposição. É com esse entendimento que Paulo, Pedro e Tiago começaram suas cartas chamando a si mesmos de “escravos” ou “servos de Jesus Cristo”. Eles sabiam que Jesus os tinha comprado com o seu próprio sangue e, como resultado, eles pertenciam a ele e estavam inteiramente a serviço dele.

Esta propriedade pessoal de Cristo e o compromisso com Cristo devem penetrar cada parte da vida dos seus discípulos. Podem ser mencionadas pelo menos seis dimensões.

Em primeiro lugar, há *uma dimensão intelectual*. Começo com a nossa mente porque é a cidadela central da nossa personalidade e é quem efetivamente rege a nossa vida. No entanto, é muitas vezes a última fortaleza a se render ao senhorio de Jesus. A verdade é que nós preferimos pensar nossos próprios pensamentos e exprimir nossas próprias opiniões. E se entrarem em conflito com o ensinamento de Jesus, pior para ele!

Mas Jesus Cristo reivindica autoridade sobre a nossa mente. “Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim”, disse ele.¹⁰ Porque comumente falavam do jugo da Torá (a Lei), a cuja autoridade se submetiam. Ora, Jesus falava do *seu* ensinamento como um jugo. Seus seguidores deviam tornar-se seus alunos, sujeitar-se à sua instrução e aprender com ele. Nem precisavam ter medo disso. Por um lado, ele próprio era “manso e humilde de coração”, e, por outro, o seu “jugo é suave”. Sob sua disciplina leve encontrariam descanso para a alma. Em outras palavras, o verdadeiro descanso é encontrado sob o jugo de Cristo (não quando se resiste a ele), e a verdadeira

liberdade é encontrada sob sua autoridade (não quando ela é descartada). O apóstolo Paulo mais tarde iria escrever algo semelhante, quando expressou a sua determinação de levar “cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo”.¹¹

Os cristãos contemporâneos podem estar ansiosos para responder com sensibilidade aos desafios do mundo moderno, mas para isso não podemos abandonar a autoridade de Jesus Cristo. Os discípulos não têm liberdade para discordar de seu mestre divino. O que cremos sobre Deus, sobre a humanidade, masculino e feminino, criados à imagem de Deus, sobre a vida e a morte, dever e destino, Escritura e tradição, salvação e juízo, e muito mais, tudo isso temos aprendido com ele. Nestes dias em que abundam especulações rebeldes e estranhas, temos uma necessidade urgente de retomar a nossa posição de direito aos pés de Jesus. “Quem segue integralmente o mandamento de Jesus”, escreveu Dietrich Bonhoeffer, “quem se permite sem relutância o jugo de Jesus, para esse o fardo a carregar torna-se leve e recebe, na suave pressão desse jugo, a força para percorrer o caminho certo com tranquilidade. O mandamento de Jesus é duro, implacavelmente duro para quem se opõe a ele. Porém, o mandamento de Jesus é suave e leve para aquele que se lhe submete de bom grado.”¹²

Em segundo lugar, o compromisso radical com Jesus Cristo tem *uma dimensão moral*. Em todo lugar à nossa volta hoje vemos que os padrões morais estão decadentes. As pessoas duvidam se ainda existem absolutos morais. O relativismo tem permeado o mundo e está penetrando na Igreja.

Até mesmo alguns cristãos evangélicos deturpam as Escrituras quando o assunto é a Lei. Eles citam as declarações conhecidas do apóstolo Paulo de que “o fim da Lei é Cristo”¹³ e “vocês não estão debaixo da Lei”,¹⁴ fecham os olhos para o seu contexto e as interpretam erroneamente como significando que a lei já foi abolida. Como resultado, supõem que não estamos mais sob a

obrigação de obedecer à lei e estamos livres para desobedecer. Mas Paulo quis dizer algo bem diferente. Ele estava referindo-se ao caminho da salvação, não o caminho da santidade. Ele estava insistindo que, para a nossa aceitação diante de Deus, não estamos “debaixo da Lei, mas debaixo da graça”, uma vez que somos justificados pela fé somente, não pelas obras da lei. Mas ainda estamos sob a lei moral para a nossa santificação. Como Lutero costumava dizer, a lei nos leva a Cristo para sermos justificados, mas Cristo nos envia de volta à lei para sermos santificados.

O apóstolo é bastante claro sobre o lugar da lei na vida cristã. Ele insiste que tanto a obra expiatória de Cristo como a presença do Espírito habitando em nós têm em vista a obediência à lei. Por que Deus enviou seu Filho para morrer por nossos pecados? Resposta: “A fim de que as justas exigências da Lei fossem plenamente satisfeitas em nós, que não vivemos segundo a carne, mas segundo o Espírito”.¹⁵ E por que Deus colocou o seu Espírito em nosso coração? Resposta: A fim de escrever sua lei ali.¹⁶ A promessa de Deus no Antigo Testamento sobre a nova aliança poderia ser expressa assim: “Porei a minha lei no íntimo deles e a escreverei nos seus corações”,¹⁷ e: “Porei o meu Espírito em vocês e os levarei a [...] obedecer fielmente às minhas leis”.¹⁸

Assim, Jesus Cristo nos chama à obediência. “Quem tem os meus mandamentos e lhes obedece, esse é o que me ama. Aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me revelarei a ele”.¹⁹ A maneira de provar o nosso amor por Cristo não é nem por meio de vigorosas promessas de lealdade, como fez Pedro, nem cantando canções sentimentais na igreja, mas obedecendo aos seus mandamentos. A prova do amor é a obediência, disse Jesus, e a recompensa do amor é a autorrevelação de Cristo.

Em terceiro lugar, o compromisso cristão tem *uma dimensão vocacional*. Ou seja, inclui a nossa vida de trabalho. Ao dizer que “Jesus é o Senhor”, nos

comprometemos com uma vida de serviço. Cada cristão é chamado ao ministério; de fato, todos somos chamados a dar a nossa vida no ministério. Se isto o impressiona como algo extraordinário, provavelmente seja porque você está pensando no “ministério” em termos de um ministério pastoral ordenado. Mas o ministério pastoral é apenas um de muitos ministérios. Meu ponto é que todos nós somos chamados para o ministério ou serviço de algum tipo. A razão pela qual é possível dizer isso é que somos seguidores de alguém que assumiu a própria natureza de um servo,²⁰ insistiu que não “veio para ser servido, mas para servir”²¹ e acrescentou: “Eu estou entre vocês como quem serve”.²² Se afirmamos seguir a Jesus, portanto, é inconcebível que gastemos nossa vida de qualquer outra forma que não seja ao seu serviço.

Isto significa que devemos ser capazes de ver o nosso trabalho ou profissão em termos de serviço. O nosso trabalho diário deve ser uma esfera maior na qual Jesus exerce seu senhorio sobre nós. Além e por trás de nosso empregador terreno, devemos ser capazes de discernir o nosso Senhor celeste. Então estaremos trabalhando “como para o Senhor, e não para os homens”, já que “é a Cristo, o Senhor, que [estamos] servindo”.²³

Em novembro de 1940, a cidade de Coventry, na Inglaterra, foi devastada por bombardeios aéreos, incluindo sua catedral do século 14. Após a guerra, as ruínas da antiga catedral foram preservadas, enquanto uma nova catedral foi construída ao lado dela. Desde os tempos medievais, a antiga catedral tinha ao redor de suas paredes uma série de capelas para as guildas (por exemplo, para os ferreiros, os tecelões, os mercadores e os tintureiros), simbolizando a estreita ligação entre a igreja e esses negócios. Estas capelas foram destruídas, mas em seu lugar foram colocados “lugares sagrados” em volta das paredes destruídas, expressando as implicações da oração: “Santificado seja o teu nome”:

Na indústria, Deus esteja em minhas mãos e em minha obra.
Nas artes, Deus esteja em meus sentidos e em minha criação.
No lar, Deus esteja em meu coração e em meu amor.
No comércio, Deus esteja em minha mesa e em meu negócio.
Na cura, Deus esteja em minha habilidade e em meu toque.
No governo, Deus esteja em meus planos e em minhas decisões.
Na educação, Deus esteja em minha mente e em meu crescimento.
Na recreação, Deus esteja em meus membros e em meu lazer.

Em quarto lugar, o senhorio de Cristo tem *uma dimensão social*. Isto significa que os seguidores de Jesus têm responsabilidades sociais e individuais, por exemplo, para com a família, a empresa, o bairro, o país e o mundo. Mas significa mais do que isso.

Há um sentido em que confessar que “Jesus é o Senhor” é reconhecê-lo como Senhor da sociedade, mesmo daquelas sociedades ou segmentos da sociedade que não reconhecem explicitamente o seu senhorio. Considere este dilema que o Novo Testamento nos apresenta. Por um lado, é dito que Jesus é o Senhor. Ele destronou e desarmou os principados e potestades, triunfando sobre eles na cruz.²⁴ Deus o exaltou à sua direita e pôs tudo debaixo de seus pés.²⁵ Como resultado, ele pode reivindicar que toda autoridade lhe foi dada.²⁶ Por outro lado, Continuamos a lutar contra os principados e poderes das trevas. Eles podem ter sido derrotados e até mesmo privados do poder, mas ainda estão ativos, influentes e sem escrúpulos.²⁷ O apóstolo João chega mesmo a declarar que “o mundo todo está sob o poder do Maligno”.²⁸ De fato, este dilema é bem resumido em Salmos 110.1, que foi citado por Jesus e por vários escritores do Novo Testamento:

O Senhor disse ao meu Senhor:

“Senta-te à minha direita
até que eu faça dos teus inimigos
um estrado para os teus pés”.

Seguindo a bússola deste versículo, o Messias é descrito tanto como *reinando* à direita de Deus como *esperando* a queda de seus inimigos.

Como podemos conciliar estas duas perspectivas? Jesus é o Senhor, ou é Satanás? Cristo está reinando sobre seus inimigos, ou esperando que eles se rendam? A única resposta possível a estas perguntas é: “os dois”. Temos de distinguir entre o que é *de jure* (de direito) e o que é *de facto* (de fato ou realidade). *De jure* Jesus é o Senhor, pois Deus o exaltou ao mais alto lugar. *De facto*, no entanto, Satanás governa, pois ele ainda não concedeu a derrota nem foi destruído.

Como essa tensão afeta o nosso discipulado? Visto que Jesus é o Senhor por direito, isto é, por nomeação divina, não podemos nos contentar com situação alguma que negue isso. O nosso anseio é que aquele que é o Senhor seja reconhecido como Senhor. Esta é a nossa tarefa evangelística. Mas, mesmo numa sociedade que não reconhece especificamente o seu senhorio, ainda estamos preocupados com o fato de os seus valores prevalecerem, que os direitos humanos e a dignidade humana sejam concedidos às pessoas de todas as raças e religiões, que a honra seja dada às mulheres e crianças, que a justiça seja assegurada aos oprimidos, que a sociedade se torne mais justa, compassiva, pacífica e livre. Por quê? Por que nos importamos com essas coisas? Porque Jesus é o Senhor da sociedade por direito e porque ele se importa com tudo isso. Não significa ressuscitar o velho “evangelho social” do liberalismo teológico, que cometeu o erro de identificar uma sociedade

solidária com o reino de Deus. É mais levar a sério a verdade de que Jesus é o Senhor da sociedade e, portanto, tentar torná-la mais agradável a ele.

Durante seu discurso inaugural na abertura da Universidade Livre de Amsterdã, em 1880, Abraham Kuyper, que mais tarde se tornaria primeiro-ministro da Holanda, disse: “Não há uma polegada em toda a área da vida humana sobre a qual Cristo, que é soberano de todos, não clame: ‘Meu!’”. Da mesma forma, o doutor David Gill, do New College, Berkeley, escreveu: “Jesus é o Senhor não apenas da vida interior, da vida após a morte, da vida familiar e da vida da Igreja, mas da vida intelectual, da vida política – de todos os domínios”.²⁹

Em quinto lugar, um compromisso radical com Cristo tem *uma dimensão política*. Precisamos lembrar que Jesus foi condenado por uma ofensa política e religiosa. Na corte judaica ele foi considerado culpado de blasfêmia, porque chamou a si mesmo de Filho de Deus. Mas na corte romana ele foi condenado por sedição, porque chamou a si mesmo de rei, e Roma não reconhecia nenhum rei além de César. Assim, as reivindicações de Jesus tiveram implicações políticas inescapáveis. Sua declaração de que devemos dar “a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” pode ter sido deliberadamente enigmática.³⁰ Mas certamente implicava que há áreas sobre as quais Deus é Senhor e nas quais César não pode se intrometer.

Os primeiros cristãos enfrentaram um conflito contínuo entre Cristo e César. Durante o primeiro século os imperadores manifestaram uma megalomania cada vez maior. Eles tinham templos erguidos em sua honra e exigiam homenagens divinas de seus súditos. Essas reivindicações entraram em colisão direta com o senhorio de Cristo, a quem os cristãos honraram como rei,³¹ ou melhor, como “o soberano dos reis da terra”.³² Plínio, o governador da Bitínia do início do século 2, descreveu em uma carta ao imperador Trajano como trouxe ao tribunal perante ele os cristãos suspeitos

de deslealdade e como dispensava apenas aqueles que “ofereciam invocação com vinho e incenso à sua imagem [a imagem do Imperador]”.³³ Mas como os cristãos poderiam dizer que “César é o Senhor”, quando tinham confessado que “Jesus é o Senhor”? Eles enfrentavam a prisão e a morte em vez de negar o senhorio de Cristo.

A deificação do Estado não terminou com o Império Romano. Ainda hoje existem regimes totalitários que exigem de seus cidadãos uma lealdade incondicional, algo que os cristãos não podem dar. Os discípulos de Jesus devem respeitar o Estado, e até submeter-se a ele, dentro de certos limites. Mas eles não o adorarão, nem lhe darão o apoio acrítico que ele deseja. Como resultado, o discipulado às vezes exige desobediência. De fato, a desobediência civil é uma doutrina bíblica, pois há quatro ou cinco exemplos notáveis nas Escrituras.³⁴ Ela surge naturalmente da afirmação de que Jesus é o Senhor. O princípio é claro, embora sua aplicação possa envolver os cristãos em crises de consciência. É isto. Devemos nos submeter ao Estado, porque sua autoridade é derivada de Deus e seus oficiais são ministros de Deus,³⁵ até o ponto em que a obediência ao Estado nos envolveria em desobediência a Deus. Nesse ponto, o nosso dever cristão é desobedecer ao Estado para obedecer a Deus. Pois se o Estado abusa de sua autoridade dada por Deus e se atreve a ordenar o que Deus proíbe ou proibir o que Deus ordena, então temos de dizer não ao Estado para dizer sim a Cristo. Como Pedro colocou: “É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens!”.³⁶ Ou, nas palavras de Calvino, “a obediência ao homem não deve se tornar desobediência a Deus”.³⁷

Em 1957, Hendrik Verwoerd, então ministro dos Assuntos Nativos da África do Sul, anunciou o “Projeto de Lei de Emenda às Leis Nativas”. Continha uma “cláusula da igreja”, que queria impedir qualquer associação de diferentes grupos étnicos em “igreja, escola, hospital, clube ou qualquer

outra instituição ou local de entretenimento”. O arcebispo da Cidade do Cabo na época era um gentil estudioso chamado Geoffrey Clayton. Junto com seus bispos, embora com relutância e apreensão, ele decidiu desobedecer. Escreveu ao primeiro-ministro para dizer que, se o projeto de lei se tornasse lei, ele seria “incapaz de obedecer a ela ou aconselhar o nosso clero e as pessoas a fazê-lo”. Na manhã seguinte, ele morreu, talvez sob a dor e a pressão da ameaça de desobediência civil. O projeto de lei foi alterado, mas de uma forma maliciosa que viria a penalizar os adoradores negros, em vez de os líderes da Igreja. Depois que se tornou lei, uma carta foi lida em cada igreja anglicana, convidando o clero e as pessoas a desobedecer a tal lei.

Sexto, o compromisso com Cristo tem *uma dimensão global*. Afirmar que “Jesus é o Senhor” é reconhecer seu senhorio universal. Pois, de acordo com Filipenses 2.9, “Deus o exaltou à mais alta posição”. A palavra que Paulo usa não ocorre em nenhum outro lugar no Novo Testamento e pode até ter sido cunhada por Paulo. A palavra é *hyperypsoō*, que pode ser traduzida como “superexaltado”. Significa que Deus elevou Jesus às mais altas alturas.³⁸ E o propósito de Deus ao fazer isso era que todo joelho se curvasse diante dele e toda língua o confessasse como Senhor. Não temos nenhuma liberdade para colocar qualquer limitação sobre a palavra repetida “todos”. Portanto, se é o desejo de Deus que todos reconheçam Jesus, esse também deve ser o nosso desejo. Os hindus falam do “Senhor Krishna” e os budistas do “Senhor Buda”, mas não podemos aceitar estas reivindicações. Só Jesus é o Senhor. Ele não tem rivais.

Não há maior incentivo para a missão mundial do que o senhorio de Jesus Cristo. A missão não é uma interferência impertinente na vida privada de outras pessoas, nem uma opção dispensável que pode ser rejeitada. É uma dedução inevitável do senhorio universal de Jesus Cristo.

A afirmação de duas palavras *Kyrios Iēsous* soou bastante inofensiva na primeira vez em que foi ouvida. Mas vimos que há ramificações de longo alcance. Ela não apenas exprime a nossa convicção de que Jesus é Deus e Salvador, como também indica o nosso compromisso radical para com ele. As dimensões deste compromisso são:

- intelectual (trazendo nossa mente sob o jugo de Cristo);
- moral (aceitando seus padrões e obedecendo a seus mandados);
- vocacional (colocando nossa vida a seu serviço libertador);
- social (buscando penetrar na sociedade com seus valores);
- política (recusando-se a idolatrar qualquer instituição humana);
- global (sendo zeloso pela honra e glória do seu nome).



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Stott argumenta que confessar que Jesus é o Senhor envolve reconhecer que ele é o “Senhor”, Criador do Universo e Deus da aliança com Israel. Quais são as implicações para a nossa atitude em relação a Jesus? Quais são as implicações para a nossa compreensão de Deus?
2. Quando você fica ciente do ensino de Cristo em contraste com o pensamento da nossa cultura?
3. Qual é a sua atitude em relação à lei de Deus como um guia para a nossa santificação (tornar-se mais como Jesus)? Sua atitude precisa mudar?
4. Devemos trabalhar como se trabalhássemos para o Senhor onde estivermos: escritório, fábrica, oficina, armazém, sala de aula e casa. Quais são algumas das diferenças concretas que isso faz em sua vida?

5. Quando é que obedecer a Cristo nos obriga a desobedecer ao Estado?
6. Como é que o senhorio de Cristo nos impulsiona à missão? O que isso pode significar para você?

CONCLUSÃO

O AGORA E O AINDA NÃO

EU COMECEI na introdução com a tensão entre o “antes” (passado) e o “agora” (presente). E termino com outra tensão, entre o “agora” (presente) e o “ainda não” (futuro). Estas duas tensões estão juntas. Pois é em e por meio de Jesus Cristo que o passado, o presente e o futuro são trazidos para um relacionamento criativo. Os cristãos vivem no presente, mas o fazem em gratidão pelo passado e em antecipação ao futuro.

Ao concluir este livro, quero me focar no cristianismo bíblico equilibrado. O equilíbrio é um bem raro hoje em dia em quase todas as esferas, e não é diferente entre nós que buscamos seguir a Cristo.

Uma das características do diabo é que ele é um fanático e inimigo de todo senso comum, moderação e equilíbrio. Um de seus passatempos favoritos é desviar o equilíbrio dos cristãos. Se ele não pode nos levar a negar Cristo, ele nos fará distorcer Cristo. Como resultado, o cristianismo desequilibrado é generalizado, no qual enfatizamos demais um aspecto de uma verdade, ao mesmo tempo em que enfatizamos pouco outro aspecto.

Uma compreensão equilibrada da tensão entre o agora e ainda não seria muito benéfica para a unidade dos cristãos e especialmente para uma maior harmonia entre os cristãos evangélicos. Podemos concordar com os fundamentos doutrinários e éticos da fé. No entanto, parecemos constitucionalmente propensos a brigas e divisões, ou simplesmente a seguir nosso próprio caminho e construir nossos próprios impérios.

REINO VINDO E VINDOURO

É fundamental para o cristianismo do Novo Testamento a perspectiva de que estamos vivendo entre os tempos – entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, entre o reino que veio e o reino que virá.

A base teológica para essa tensão pode ser encontrada no próprio ensinamento de Jesus sobre o reino de Deus. Todo mundo aceita que o reino teve grande destaque no ensino de Jesus e também que ele anunciou a vinda desse reino. No entanto, os estudiosos têm discordado sobre o tempo de sua chegada. Será que o reino já veio, pois Jesus o trouxe com ele? Ou o reino ainda virá no futuro, e temos de esperá-lo com expectativa? Ou será que a verdade está entre essas posições?

Albert Schweitzer é um exemplo de um estudioso que pensou que, de acordo com Jesus, o reino estava inteiramente no futuro. Como um profeta apocalíptico, Jesus ensinou (equivocadamente) que Deus estava prestes a intervir sobrenaturalmente e estabelecer o seu reino. As exigências radicais que ele fez aos seus discípulos foram uma “ética interina” à luz da chegada iminente do reino. A posição de Schweitzer é conhecida como escatologia “completa” ou “consistente”.

No extremo oposto estava C. H. Dodd, com sua crença de que a vinda do reino estava totalmente no passado (posição conhecida como escatologia “realizada”). Ele colocou uma forte ênfase em dois versículos cujos verbos no grego estão no tempo perfeito, ou seja, “O reino de Deus está próximo”¹ e “chegou a vocês o reino de Deus”.² Dodd concluiu que não há uma vinda futura do reino e que as passagens que falam disso não faziam parte do próprio ensinamento de Jesus.

No lugar dessas polaridades extremas, a maioria dos estudiosos tomou uma posição intermediária – que Jesus falou do reino como uma realidade

presente e uma expectativa futura.

Jesus ensinou claramente que o tempo do cumprimento havia chegado;³ que o “homem forte” estava agora amarrado e desarmado, permitindo a pilhagem de seus bens, como ficou evidente em seus exorcismos;⁴ que o reino já estava “dentro de” ou “entre” as pessoas;⁵ e que agora era possível “receber” ou “entrar” nele.⁶

No entanto, o reino também era uma expectativa futura. Não seria aperfeiçoado até o último dia. Então ele olhou para a frente até o fim e ensinou seus discípulos a fazê-lo também. Eles oravam: “Venha o teu reino”⁷ e “busquem em primeiro lugar”,⁸ dando prioridade à sua expansão. Às vezes, ele se referia também ao estado final de seus seguidores em termos de “entrar” no reino⁹ ou “receber” o reino.¹⁰

Uma maneira pela qual a Bíblia expressa a tensão entre o “agora” e o “ainda não” está na terminologia das duas “eras”. Do ponto de vista do Antigo Testamento, a história é dividida entre “esta presente era” e “os últimos dias”, ou seja, o reino da justiça a ser introduzido pelo Messias.¹¹ Essa estrutura simples de duas eras consecutivas, no entanto, foi decisivamente alterada pela vinda de Jesus. Pois ele trouxe a nova era e morreu por nós, a fim de nos livrar “desta presente era perversa”.¹² Como resultado, o Pai já “nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho amado”.¹³ Até fomos ressuscitados da morte e assentados com Cristo no reino celestial.¹⁴

Ao mesmo tempo, a velha era persiste. Logo, as duas eras se sobrepõem. “As trevas estão se dissipando e já brilha a verdadeira luz.” Um dia a velha era será terminada (o que será “o fim desta era”),¹⁵ e a nova era, que foi introduzida com a primeira vinda de Cristo, será realizada na segunda. Enquanto isso, as duas eras continuam, e estamos presos nessa tensão entre elas. Somos convocados a “não nos amoldar ao padrão deste mundo”, mas

sim a nos transformar de acordo com a vontade de Deus e a viver coerentemente como filhos da luz.¹⁶

No entanto, a tensão permanece: já *fomos* salvos, mas um dia também *seremos* salvos.¹⁷ E já somos filhos adotivos de Deus, mas também estamos esperando nossa adoção.¹⁸ O cristão “já passou da morte para a vida”, mas a vida eterna ainda será recebida no futuro.¹⁹ Cristo já está reinando, embora seus inimigos ainda não se tenham tornado o estrado de seus pés.²⁰ Vivendo entre o presente e o futuro, a postura característica dos cristãos é descrita de formas variadas como ter esperança,²¹ esperar,²² aguardar com expectativa²³ e gemer,²⁴ enquanto esperamos tanto “ansiosamente”²⁵ como “pacientemente”.²⁶

A essência do período interino entre o “agora” e o “ainda não” é a presença do Espírito Santo no povo de Deus. Por um lado, o dom do Espírito é a bênção distintiva do reino de Deus e o principal sinal de que a nova era começou.²⁷ Por outro, porque a habitação do Espírito é apenas o início da herança do nosso reino, é também a garantia de que o resto um dia será nosso. O Novo Testamento usa três metáforas para ilustrar isso. O Espírito Santo é visto como “os primeiros frutos”, garantindo que virá a colheita completa,²⁸ a “garantia” ou a primeira parcela, sinalizando que o pagamento integral será feito,²⁹ e a degustação, prometendo que a festa completa um dia será desfrutada.³⁰

Aqui estão alguns exemplos da tensão entre o “agora” e o “ainda não”.

REVELAÇÃO, SANTIDADE E CURA

O primeiro exemplo está na *esfera intelectual*, ou na questão da *revelação*.

Afirmamos com alegre confiança que Deus se revelou aos homens, não só no universo criado, na nossa razão e na nossa consciência, mas também supremamente no seu Filho Jesus Cristo e no testemunho da Bíblia a respeito dele. Ousamos dizer que conhecemos a Deus, porque ele mesmo tomou a iniciativa de remover o véu, que de outra forma o esconderia de nós. Alegramo-nos muito porque a sua Palavra lança luz sobre o nosso caminho.³¹

Mas ainda não conhecemos a Deus como ele nos conhece. Nosso conhecimento é parcial porque sua revelação foi parcial. Ele revelou tudo o que pretende revelar e que considera ser para o nosso bem, mas não tudo o que há para revelar. Ainda restam muitos mistérios e, por isso, vivemos pela fé, não pela vista.³²

Devemos tomar a nossa posição ao lado daqueles autores bíblicos que, embora soubessem ser agentes da revelação divina, confessaram humildemente que o seu conhecimento permaneceu limitado. Mesmo Moisés, “a quem o Senhor conheceu face a face”, reconheceu: “Ó Soberano Senhor, tu começaste a mostrar ao teu servo a tua grandeza e a tua mão poderosa!”.³³ Então pense no apóstolo Paulo, que comparou seu conhecimento tanto aos pensamentos imaturos de uma criança quanto aos reflexos distorcidos de um espelho.³⁴

Assim, então, embora seja certo gloriar-se na doação e na finalidade da revelação de Deus, também é certo confessar a nossa ignorância a respeito de muitas coisas. Nós sabemos e não sabemos. “As coisas encobertas pertencem ao Senhor, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei.”³⁵ É muito importante manter esta distinção. Falando de modo pessoal, gostaria de ver mais ousadia na nossa proclamação daquilo que foi revelado e mais reserva sobre o que foi mantido em segredo. A concordância na verdade

claramente revelada é necessária para a unidade, mesmo quando damos liberdade uns aos outros em assuntos secundários. E a maneira de reconhecê-los é quando os cristãos que estão igualmente ansiosos para ser submissos às Escrituras, no entanto, chegam a conclusões diferentes sobre eles. Estou pensando, por exemplo, nas controvérsias sobre o batismo, governo da igreja, liturgia e cerimônias, dons espirituais e cumprimento das profecias.

A segunda tensão está na *esfera moral*, ou na questão da *santidade*.

Deus já colocou o seu Espírito Santo dentro de nós, a fim de nos tornar santos.³⁶ O Espírito Santo está ativamente trabalhando dentro de nós, subjugando nossa natureza humana caída e egoísta e fazendo com que seu fruto amadureça em nosso caráter.³⁷ Já, podemos afirmar que ele está nos transformando à imagem de Cristo.³⁸

Mas nossa natureza caída não foi erradicada, pois “a carne deseja o que é contrário ao Espírito”,³⁹ de modo que, “se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos”.⁴⁰ Ainda não vivemos completamente de acordo com a perfeita vontade de Deus, porque ainda não amamos a Deus com todo o nosso ser, nem ao nosso próximo como a nós mesmos. Como Paulo colocou, ainda não somos perfeitos, mas continuamos em direção a esse objetivo, confiantes de que “aquele que começou boa obra em [nós], vai completá-la até o dia de Cristo Jesus”.⁴¹

Sendo assim, estamos presos em uma tensão dolorosa entre o “agora” e o “ainda não”, entre o desânimo por causa das nossas falhas contínuas e a promessa de liberdade final. Por um lado, devemos seguir com a maior seriedade a ordem de Deus: “Sejam santos porque eu [...] sou santo”;⁴² e também a instrução de Jesus: “Vá e não peque mais”.⁴³ Por outro lado, temos de reconhecer a realidade do pecado em nós convivendo com a realidade do

Espírito em nós.⁴⁴ A perfeição sem pecado pela qual ansiamos continua nos iludindo.

A terceira tensão entre o “já” e o “ainda não” está na *esfera física*, ou na questão da *cura*.

Afirmamos que o reino de Deus, há muito prometido, entrou na história com Jesus Cristo, que não se contentou apenas em proclamar o reino, mas continuou a demonstrar a sua chegada pelas coisas extraordinárias que fez. Seu poder era especialmente evidente no corpo humano: ele curou os doentes, expulsou os demônios e ressuscitou os mortos.

Ele também deu autoridade aos Doze e aos Setenta para ampliar sua missão em Israel e para realizar milagres. Quanto mais ele pretendia ampliar sua autoridade é um assunto em discussão. De um modo geral, os milagres e os sinais eram “as marcas de um apóstolo” verdadeiro.⁴⁵ No entanto, seria insensato tentar limitar ou domesticar Deus. Devemos permitir que ele use sua liberdade e sua soberania, estando inteiramente abertos à possibilidade de milagres físicos hoje.

Mas o reino de Deus ainda não chegou em toda a sua plenitude. Pois “o reino do mundo” ainda não “se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo”, quando “ele reinará para todo o sempre”.⁴⁶ Em particular, nosso corpo ainda não foi redimido, e a natureza ainda não foi inteiramente submetida ao governo de Cristo.

Então nós temos de reconhecer a tensão entre o “já” e o “ainda não” também nessa esfera. Para ter certeza, nós experimentamos “os poderes da era que há de vir”,⁴⁷ mas até agora isso continua sendo apenas um gostinho. Parte da nossa experiência cristã é que a vida de ressurreição de Jesus é “revelada em nosso corpo”.⁴⁸ Ao mesmo tempo, nosso corpo permanece frágil e mortal. Reivindicar uma saúde perfeita agora seria antecipar nossa ressurreição. A ressurreição corporal de Jesus foi o penhor, e de fato o

começo, da nova criação de Deus. Mas Deus ainda não pronunciou a palavra decisiva: “Estou fazendo novas todas as coisas”.⁴⁹ Aqueles que descartam a própria possibilidade de milagres hoje se esquecem do “já” do reino, enquanto aqueles que os esperam como o que tem sido chamado de “vida cristã normal” esquecem que o reino “ainda não” é.

IGREJA E SOCIEDADE

Em quarto lugar, a mesma tensão é experimentada na *esfera eclesiástica*, ou a questão da *disciplina da igreja*.

Jesus, o Messias, reúne à sua volta um povo que lhe pertence, uma comunidade caracterizada pela verdade, pelo amor e pela santidade para a qual foi chamada. Mas Cristo ainda não apresentou sua noiva a si mesmo “como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável”.⁵⁰ Pelo contrário, a vida e o testemunho atuais da Igreja são marcados pelo erro, pela discórdia e pelo pecado.

Então, sempre que pensamos na Igreja, precisamos manter juntos o ideal e a realidade. A Igreja está comprometida com a verdade e propensa ao erro, unida e dividida, pura e impura. Não significa que temos de aceitar suas falhas. Devemos acalentar a visão tanto da pureza doutrinária e ética quanto da unidade visível da Igreja. Somos chamados a combater “o bom combate da fé”,⁵¹ e a fazer “todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”.⁵² E, na busca destas coisas, há lugar para disciplina em casos de heresia ou pecado grave.

Mesmo assim, o erro e o mal não vão ser erradicados completamente da Igreja neste mundo. Eles continuarão a coexistir com a verdade e a bondade. “Deixem que cresçam juntos até a colheita”, disse Jesus na parábola do trigo

e do joio.⁵³ Nem a Bíblia nem a história da Igreja justificam o uso de severas medidas disciplinares na tentativa de garantir uma Igreja perfeitamente pura neste mundo.

A quinta área de tensão entre o “agora” e o “antes”, o “já” e o “ainda não”, é a *esfera social*, ou a questão do *progresso*.

Afirmamos que Deus está trabalhando na sociedade humana. Isto, em parte, se deve à sua “graça comum”, ao dar ao mundo as bênçãos da família e do governo, pelos quais o mal é contido e os relacionamentos são ordenados. E é também por meio dos membros da sua comunidade redimida, que penetram na sociedade como sal e luz, fazendo a diferença ao impedir a decadência e dissipar as trevas.

Mas Deus ainda não criou os prometidos “novos céus e nova terra, onde habita a justiça”.⁵⁴ Ainda existem “guerras e rumores de guerras”.⁵⁵ As espadas ainda não foram forjadas em arados, nem as lanças em foices.⁵⁶ As nações ainda não renunciaram à guerra como um método para resolver suas disputas. O egoísmo, a crueldade e o medo continuam.

Portanto, embora seja correto fazer campanha pela justiça social e ter expectativas de que a sociedade melhore, sabemos que nunca poderemos torná-la perfeita. Embora conheçamos o poder transformador do evangelho e os efeitos benéficos do sal e da luz dos cristãos, também sabemos que o mal está enraizado na natureza humana e na sociedade humana. Somente Cristo em sua segunda vinda erradicará o mal e entronizará a justiça para sempre.

Aqui, então, estão cinco áreas (intelectual, moral, física, eclesiástica e social) nas quais é vital preservar a tensão entre o “já” e o “ainda não”.

TRÊS TIPOS DE CRISTÃO

Existem três tipos distintos de cristãos, de acordo com a extensão em que eles conseguem manter este equilíbrio bíblico.

Em primeiro lugar, há os “*cristãos já*”, que enfatizam o que Deus já nos deu em Cristo. Mas eles dão a impressão de que, em consequência, não há mais mistérios, não há pecados que não possam ser vencidos, não há doenças que não possam ser curadas nem males que não possam ser erradicados. Em suma, eles parecem acreditar que a perfeição pode ser alcançada agora.

Seus motivos são irrepreensíveis. Eles querem glorificar a Cristo – então eles se recusam a estabelecer limites para o que ele é capaz de fazer. Mas seu otimismo pode facilmente degenerar em presunção e acabar em desilusão. Eles se esquecem do “ainda não” do Novo Testamento e de que a perfeição aguarda a segunda vinda de Cristo.

Em segundo lugar, há os *cristãos “ainda* não”, que enfatizam a incompletude da obra de Cristo para o momento e aguardam ansiosamente o momento em que ele vai completar o que começou. Mas eles parecem estar preocupados com a nossa ignorância e fracasso humanos, o reinado penetrante de doença e da morte e a impossibilidade de garantir uma igreja pura ou uma sociedade perfeita.

Seu motivo também é excelente. Se os “cristãos já” querem glorificar a Cristo, os “cristãos ainda não” querem humilhar os pecadores. Eles estão determinados a ser fiéis à Bíblia para enfatizar nossa depravação humana. Mas seu pessimismo pode facilmente degenerar em complacência; ele também pode levar à aceitação do *status quo* e à apatia diante do mal. Eles se esquecem do que Cristo “já” fez por sua morte, ressurreição e envio do Espírito – e do que ele pode fazer em nossa vida e, como resultado, na Igreja e na sociedade.

Em terceiro lugar, existem os “*cristãos já/ainda não*”. Eles querem dar igual peso às duas vindas de Jesus. Por um lado, eles têm muita confiança no “já”, no que Deus disse e fez por meio de Cristo. Por outro lado, eles exibem uma humildade genuína diante do “ainda não”, humildade para confessar que o mundo vai permanecer caído e meio salvo até que Cristo aperfeiçoe em sua segunda vinda aquilo que ele começou na primeira vinda.

É essa combinação do “já” e do “ainda não” que caracteriza o evangelicalismo bíblico autêntico e que exemplifica o equilíbrio que é tão urgentemente necessário hoje.

Nossa posição como “cristãos contemporâneos” repousa com segurança sobre a pessoa de Jesus, cuja morte e ressurreição pertencem ao “já” do passado, e cuja gloriosa segunda vinda pertence ao “ainda não” do futuro. Como aclamamos em fé e triunfo:

Cristo morreu!

Cristo ressuscitou!

Cristo virá novamente!

NOTAS

PREFÁCIO

1. Apocalipse 1.8.↵
2. Hebreus 13.8.↵

INTRODUÇÃO DA SÉRIE

1. Salmos 119.105; cf. 2 Pedro 1.19.↵
2. Bonhoeffer, Dietrich. Letters and Papers from Prison [Cartas e papéis da prisão]. SCM Press, 1971. p. 279.↵
3. Mateus 11.19.↵
4. Veja Pelikan, Jaroslav. Jesus Through the Centuries [Jesus através dos séculos]. Yale University Press, 1985. p. 182-193.↵
5. 2 Coríntios 11.4.↵
6. 2 Timóteo 1.15; cf. 4.11, 16.↵
7. Atos 26.25.↵
8. Ezequiel 2.6-7.↵

CAPÍTULO 1

1. Whale, J. S. Christian Doctrine [Doutrina cristã]. 1941; Fontana, 1957. p. 33.↵
2. Ibid., p. 41.↵
3. Gênesis 1.26-28.↵
4. Thomas, Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.↵
5. Ibid., p. 37.↵
6. Ibid., p. 38.↵
7. Ibid., p. 38.↵
8. Gênesis 1.26, 28; Salmos 8.5-8.↵
9. Gênesis 2.7; 7.22.↵
10. Gênesis 1.22, 28.↵
11. Salmos 73.22; 32.9.↵
12. Isaías 1.3.↵
13. Jeremias 8.7.↵
14. Provérbios 6.6-8.↵
15. Gênesis 2.8, 15.↵
16. Gênesis 3.8-9.↵
17. João 17.21.↵
18. Brunner, Emil. Man in Revolt [Homem em revolta]. 1937; ET Lutterworth, 1939. p. 419-420.↵
19. Ato II, Cena 2.↵
20. Marcos 7.14-15, 21-23.↵
21. Mateus 7.11.↵
22. Hammarskjöld, Dag. Markings [Marcas]. Trad. Leif Sjöberg e W. H. Auden. Faber, 1964. p. 128-129.↵

23. Marcos 7.23.↵
24. Êxodo 3.1-6; Isaías 6.1-6; Ezequiel 1 (especialmente v. 28).↵
25. Lewis, C. S. “Príncipe Caspian”, em *As Crônicas de Nárnia*. Trad. Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 394.↵
26. Richard Holloway, na Conferência de Renovação Católica, em Loughborough, abril de 1978.↵
27. Veja 2 Pedro 3.13.↵

CAPÍTULO 2

1. Halpern, Daniel. “A Sort of Exile in Lyme Regis” [“Uma espécie de exílio em Lyme Regis”]. *London Magazine*, mar. 1971.↵
2. Lucas 4.18-19, citando Isaías 61.1-2.↵
3. João 8.36.↵
4. Gálatas 5.1.↵
5. Twain, Mark. *Following the Equator* [Seguindo o Equador] (1897). v. 1, cap. 27.↵
6. Cf. Salmos 130.4.↵
7. João 8.31-34.↵
8. Filipenses 3.10.↵
9. Efésios 1.22.↵
10. Ramsey, Michael. *Freedom, Faith and the Future* [Liberdade, fé e o futuro]. SPCK, 1970. p. 12.↵
11. Por exemplo, Hebreus 6.18; Tiago 1.13; Habacuque 1.13.↵
12. 2 Timóteo 2.13.↵

13. West, Morris. Children of the Sun [Filhos do sol]. 1957; Pan, 1958. p. 94-95.↵
14. A entrevista apareceu em Le Monde, e em uma tradução em inglês no Guardian Weekly, em 23 de junho de 1985.↵
15. Marcos 8.35.↵
16. Mateus 11.28-30.↵

CAPÍTULO 3

1. 1 Coríntios 2.1-5.↵
2. 1 Coríntios 1.20-21.↵
3. Veja 1 Coríntios 2.7.↵
4. Hodge, C. H. The First Epistle to the Corinthians [A Primeira Epístola aos Coríntios]. 1857; Banner of the Truth, 1959. p. 29.↵
5. 2 Coríntios 5.11; cf. Atos 18.13.↵
6. Machen, J. Gresham. The Christian Faith in the Modern World [A fé cristã no mundo moderno]. 1936; Eerdmans, 1947. p. 63.↵
7. Atos 17.34.↵
8. Atos 17.18.↵
9. Para uma refutação mais completa da reconstrução popular, veja minha série A Mensagem de Atos, na série “A Bíblia Fala Hoje”. São Paulo: ABU Editora, 1994.↵
10. Atos 17.18, 21.↵
11. Atos 17.32.↵
12. 1 Coríntios 1.23.↵
13. Gálatas 3.13.↵

14. Orígenes. Contra Celso, III. 34.↵
15. 1 Coríntios 1.25.↵
16. The Guardian Weekly, 30 ago. 1979.↵
17. 2 Coríntios 5.21; Gálatas 3.13.↵
18. Atos 17.16.↵
19. Atos 17.22.↵
20. 1 Coríntios 8.5-6.↵
21. 2 Coríntios 11.2-3.↵
22. 1 Timóteo 2.5.↵
23. Para mais informações sobre este tópico, veja o capítulo 1 de Stott, John. O Mundo. Editora Ultimato, 2021.↵
24. 1 Coríntios 1.26-29.↵
25. Brunner, Emil. The Mediator [O mediador]. 1927; Westminster, 1947. p. 474.↵
26. 1 Coríntios 6.9-10.↵
27. Atos 16.21.↵
28. Atos 17.7.↵
29. 1 Coríntios 2.3.↵
30. 2 Coríntios 10.10.↵
31. 2 Coríntios 12.7.↵
32. Por exemplo, Gálatas 4.13-14.↵
33. Veja hina (“para”, “a fim de que”) em 2 Coríntios 4.7 e 12.9-10.↵
34. 1 Coríntios 1.29-31.↵

CAPÍTULO 4

1. João 11.25-26.↵
2. Apocalipse 1.18.↵
3. Atos 4.2.↵
4. Por exemplo, Atos 2.23-24, 32; 3.13-15; 5.30-32.↵
5. Por exemplo, Atos 13.28-31.↵
6. Atos 17.18.↵
7. 1 Coríntios 15.3-8.↵
8. Lucas 24.39.↵
9. Veja Sinclair, Andrew. Guevara. Fontana, 1970. Especialmente p. 70, 88.↵
10. Lewis, W. H. Ed. Letters of C. S. Lewis [Cartas de C. S. Lewis]. Geoffrey Bles, 1966. p. 307.↵
11. Apocalipse 1.18.↵
12. Bultmann, Rudolf. Kerygma and Myth [Kerygma e mito]. 1941; ET SPCK, 1953. p. 38-42.↵
13. Jenkins, David. Living with Questions [Vivendo com questionamentos]. SCM Press, 1969. p. 138-139. Veja também a crítica de J. Murray Harris, intitulada Easter in Durham [Páscoa em Durham]. Paternoster, 1985.↵
14. Do programa de televisão Credo, em abril de 1984.↵
15. Carnley, Peter. The Structure of Resurrection Belief [A estrutura da crença na ressurreição]. Clarendon Press, 1987. p. 17s.↵
16. Ibid., p. 164.↵
17. Ibid., p. 200, 266.↵
18. Ibid., p. 368.↵
19. Atos 2.27.↵
20. Por exemplo, Atos 2.23-32; 13.28-31, 37.↵

21. Veja, por exemplo, Morison, Frank. Who Moved the Stone? [Quem moveu a pedra?] (Faber, 1930); Anderson, J. N. D. The Evidence for the Resurrection [A evidência da ressurreição] (IVP, 1950); Jackman, Stuart. The Davidson File [O arquivo Davidson] (Lutterworth, 1982); Green, E. M. B. The Day Death Died [O dia em que a morte morreu] (IVP, 1982); Wenham, J. W. Easter Enigma [Enigma da Páscoa] (Paternoster, 1984); Wright, N. T. The Resurrection and the Son of God [A ressurreição e o Filho de Deus] (SPCK, 2017).↵
22. Atos 4.2.↵
23. 1 Coríntios 15.6.↵
24. Winslow, Jack C. Confession and Absolution [Confissão e absolvição]. Hodder & Stoughton, 1960. p. 22.↵
25. Mateus 26.28.↵
26. Romanos 6.23.↵
27. 1 Coríntios 15.14, 17-18.↵
28. Efésios 1.18-20.↵
29. Russell, Bertrand. A Free Man's Worship [O louvor de um homem livre]. 1902. Unwin Paperbacks, 1976. p. 10-17.↵
30. Mccann, Graham. Woody Allen: New Yorker. Polity Press, 1990. p. 43, 83.↵
31. Citado em Rich, Frank. "Woody Allen Wipes the Smile off His Face" ["Woody Allen limpa o sorriso do seu rosto"], Esquire, maio 1977, p. 75.↵
32. Por exemplo, Filipenses 3.21.↵
33. 1 Coríntios 15.42-44.↵
34. 1 Coríntios 15.20, 23.↵
35. Romanos 8.29; Colossenses 1.18; Apocalipse 1.5.↵

36. 1 Coríntios 15.49.↵
37. Mateus 19.28.↵
38. Apocalipse 21.5.↵
39. Romanos 8.20-23.↵
40. 2 Pedro 3.13; Apocalipse 21.1.↵
41. 1 Pedro 1.3.↵
42. O professor Oliver O'Donovan vai muito mais longe do que isso em seu livro de formação *Resurrection and Moral Order: An Outline for Evangelical Ethics* [Ressurreição e ordem moral: Um esboço para a ética evangélica] (IVP e Eerdmans, 1986). Ele argumenta que a ressurreição de Jesus é o fundamento sobre o qual a ética cristã repousa, porque proclama que a ordem mundial criada foi justificada e reafirmada por Deus; de fato, ela foi redimida, renovada e transformada. “Da ressurreição olhamos não só para trás, para a ordem criada que é justificada, mas para a frente, para a nossa participação escatológica nessa ordem” (p. 22), não só “para trás, para o que é reafirmado lá, a ordem da criação”, mas também “para a frente, para o que é antecipado lá, o reino de Deus” (p. 26).↵

CAPÍTULO 5

1. Romanos 14.9 (NAA).↵
2. Romanos 10.9.↵
3. 1 Coríntios 12.3.↵
4. João 20.15.↵
5. Mateus 27.62-63.↵

6. Atos 2.21, 38.↵
7. Romanos 10.12-13.↵
8. Por exemplo, 1 Tessalonicenses 1.1; 3.11; 2 Tessalonicenses 1.2, 12; 2.16.↵
9. Cf. Atos 2.33-39.↵
10. Mateus 11.29.↵
11. 2 Coríntios 10.5.↵
12. Bonhoeffer, Dietrich. Discipulado [recurso eletrônico]. Trad. Murilo Jardelino e Clélia Barqueta. Mundo Cristão, 2016.↵
13. Romanos 10.4.↵
14. Romanos 6.14;↵
15. Romanos 8.4.↵
16. 2 Coríntios 3.3, 6.↵
17. Jeremias 31.33.↵
18. Ezequiel 36.27.↵
19. João 14.21;↵
20. Filipenses 2.7.↵
21. Marcos 10.45.↵
22. Lucas 22.27.↵
23. Colossenses 3.23-24.↵
24. Colossenses 2.15;↵
25. Efésios 1.20-22.↵
26. Mateus 28.18.↵
27. Efésios 6.11-18.↵
28. 1 João 5.19.↵
29. Gill, David W. The Opening of the Christian Mind [A abertura da mente cristã]. IVP USA, 1989. p. 131.↵

30. Marcos 12.17.↵
31. Atos 17.7.↵
32. Apocalipse 1.5.↵
33. Epístolas, 10.96.↵
34. Por exemplo, Êxodo 1.15-17; Daniel 3 e 6; Atos 4.19; 5.29.↵
35. Romanos 13.1-7.↵
36. Atos 5.29.↵
37. Institutas, IV.xx.32.↵
38. Bauer, Walter. A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature [Léxico grego-inglês do Novo Testamento e outras literaturas cristãs antigas], 2. ed. Traduzido e adaptado por W. F. Arndt e F. W. Gingrich. University of Chicago Press, 1979.↵

CONCLUSÃO

1. Marcos 1.15, como ele traduz *ēngiken*.↵
2. Mateus 12.28, *ephthasen*.↵
3. Por exemplo, Marcos 1.14-15; Mateus 13.16-17.↵
4. Mateus 12.28-29; cf. Lucas 10.17-18.↵
5. Lucas 17.20-21.↵
6. Por exemplo, Marcos 10.15.↵
7. Mateus 6.10.↵
8. Mateus 6.33.↵
9. Marcos 9.47; cf. Mateus 8.11.↵
10. Mateus 25.34.↵

11. Por exemplo, Isaías 2.2; Mateus 12.32; Marcos 10.30.↵
12. Gálatas 1.4.↵
13. Colossenses 1.13; cf. Atos 26.18; 1 Pedro 2.9.↵
14. Efésios 2.6; Colossenses 3.1.↵
15. Por exemplo, Mateus 13.39; 28.20.↵
16. Romanos 12.2; 13.11-14; 1 Tessalonicenses 5.4-8.↵
17. Romanos 8.24; 5.9-10; 13.11.↵
18. Romanos 8.15, 23.↵
19. João 5.24; 11.25-26; Romanos 8.10-11.↵
20. Salmos 110.1; Efésios 1.22; Hebreus 2.8.↵
21. Romanos 8.24.↵
22. Filipenses 3.20-21; 1 Tessalonicenses 1.9-10.↵
23. Romanos 8.19.↵
24. Romanos 8.22-23, 26; 2 Coríntios 5.2, 4.↵
25. Romanos 8.23; 1 Coríntios 1.7.↵
26. Romanos 8.25.↵
27. Por exemplo, Isaías 32.15; 44.3; Ezequiel 39.29; Joel 2.28; Marcos 1.8; Hebreus 6.4-5.↵
28. Romanos 8.23.↵
29. 2 Coríntios 5.5; Efésios 1.14.↵
30. Hebreus 6.4-5.↵
31. Salmos 119.105.↵
32. 2 Coríntios 5.7.↵
33. Deuteronômio 34.10; cf. Números 12.8; Deuteronômio 3.24.↵
34. 1 Coríntios 13.9-12.↵
35. Deuteronômio 29.29.↵
36. 1 Tessalonicenses 4.7-8.↵

- 37. Gálatas 5.16-26.↵
- 38. 2 Coríntios 3.18.↵
- 39. Gálatas 5.17.↵
- 40. 1 João 1.8.↵
- 41. Filipenses 3.12-14; 1.6.↵
- 42. Por exemplo, Levítico 19.2.↵
- 43. João 8.11 (NAA).↵
- 44. Por exemplo, Romanos 7.17, 20; 8.9, 11.↵
- 45. 2 Coríntios 12.12.↵
- 46. Apocalipse 11.15.↵
- 47. Hebreus 6.5.↵
- 48. 2 Coríntios 4.10-11.↵
- 49. Apocalipse 21.5.↵
- 50. Efésios 5.27; cf. Apocalipse 21.2.↵
- 51. 1 Timóteo 6.12.↵
- 52. Efésios 4.3.↵
- 53. Mateus 13.30.↵
- 54. 2 Pedro 3.13; Apocalipse 21.1.↵
- 55. Marcos 13.7.↵
- 56. Isaías 2.4.↵

A BÍBLIA

Categoria: Apologética / Estudo Bíblico / Vida Cristã

Copyright © John Stott com Tim Chester, 2019. Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em 2019, por InterVarsity Press, Londres, Inglaterra.

Título original em inglês: *The Bible*

Publicado como o terceiro volume da série “O Cristão Contemporâneo”. Organizado por Tim Chester a partir do livro *The Contemporary Christian* (1992), de John Stott.

Primeira edição: Julho de 2021

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Tradução: Valéria Lamim Delgado Fernandes

Revisão: Natália Superbi

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Rafael Brum

Produção do arquivo ePub: Booknando

A menos que indicado de outra forma, os textos bíblicos foram retirados da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

S888

Stott, John.

A Bíblia : um livro como nenhum outro [recurso eletrônico] / John Stott e Tim Chester ; tradução Valéria Lamim Delgado Fernandes. — Viçosa : Ultimato, 2021.

Dados eletrônicos (e-Pub). — (O Cristão Contemporâneo ; 3) 340 p.

Título original: *The Bible: a book like no other*

ISBN 978-65-86173-22-2

1. Bíblia - Crítica, interpretação, etc. 2. Vida cristã. 3. Bíblia - Estudos bíblicos. I. Chester, Tim. II. Fernandes, Valéria Lamim Delgado. III. Título. IV. Série.

CDU 82.1(811.3)

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br



facebook.com/editora.ultimato



twitter.com/ultimato



instagram.com/editoraultimato